

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE MESTRADO EM ATENÇÃO À SAÚDE COLETIVA**

PATRÍCIA DÉA BRAGA

**REPRESENTAÇÕES DO CORPO: COM A PALAVRA UM GRUPO DE
ADOLESCENTES DE CLASSES POPULARES**

VITÓRIA

2006

PATRÍCIA DÉA BRAGA

**REPRESENTAÇÕES DO CORPO: COM A PALAVRA UM GRUPO DE
ADOLESCENTES DE CLASSES POPULARES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Atenção à Saúde Coletiva – nível Mestrado - do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Saúde Coletiva.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria del Carmen Bisi Molina.

Co-orientador: Prof. Dr. Túlio Alberto Martins de Figueiredo

**VITÓRIA
2006**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

B813r Braga, Patrícia Déa, 1968-
Representações do corpo : com a palavra um grupo de adolescentes
de classes populares / Patrícia Déa Braga. – 2006.
85 f.

Orientadora: Maria del Carmen Bisi Molina.
Co-Orientador: Túlio Alberto Martins de Figueiredo.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo,
Centro de Ciências da Saúde.

1. Imagem corporal. 2. Adolescência. 3. Sociedade de consumo. I.
Molina, Maria del Carmen Bisi. II. Figueiredo, Túlio Alberto Martins de.
III. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências da Saúde.
IV. Título.

CDU: 614

PATRÍCIA DÉA BRAGA

**REPRESENTAÇÕES DO CORPO: COM A PALAVRA UM GRUPO DE
ADOLESCENTES DE CLASSES POPULARES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Atenção à Saúde Coletiva do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisição parcial para obtenção do grau de mestre em Saúde Coletiva.

Aprovada em 31 de maio de 2006.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a.Dr^a. Maria del Carmen Bisi Molina
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Ângela Maria de Castro Simões
Centro Universitário de Vila-velha - UVV

Prof. Dr. Luiz Henrique Borges
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Túlio Alberto Martins de Figueiredo
Universidade Federal do Espírito Santo
Co-orientador

Aos meus pais

Dines (in memorian) e Maria Zoraida (in memorian),
pelo amor e apoio que sempre me deram.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dr^a. Maria del Carmen Bisi Molina, pela orientação de qualidade, e pela maneira como conduziu o processo de criação da dissertação, nos momentos difíceis me apoiando e sempre estimulando o meu crescimento.

Ao Prof. Dr. Túlio Alberto Martins de Figueiredo, pelos apontamentos preciosos refinando o meu olhar e minha escrita.

Ao Mestrado de Atenção à Saúde Coletiva, aos professores que dele fazem parte, pela oportunidade que me fez crescer em todos os sentidos.

À CAPES, pela concessão da bolsa tornando o tempo de estudo mais disponível.

Aos professores, doutores, Zeidi Araújo Trindade do Programa de Mestrado de Psicologia Social da UFES, e Luiz Henrique Borges do Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde Coletiva do Centro de Ciências da Saúde da UFES, pelas precisas contribuições que prestaram no exame de qualificação.

Ao CESAM -, diretor Irmão Virgínio Francisco Lopes, pela disponibilidade do espaço para a pesquisa, e às pessoas que lá trabalham e que contribuíram para a construção do meu estudo, em especial às que estiveram mais próximas, como o Padre Moacir José Scari, à Patrícia Cuman Santiago e a Fernanda Aparecida Chisté.

Aos adolescentes do CESAM, pelas palavras que possibilitaram a construção de um conhecimento, muito obrigada!

À Luciana Molina Queiroz, pela contribuição na revisão textual.

Aos meus familiares queridos, pelo amor, carinho, amor e apoio que sempre me deram.

Deitou-se e tentando matar a sede,
Outra mais forte achou. Enquanto bebia,
Viu-se na água e ficou embevecido com a própria imagem.
Julga corpo, o que é sombra, e a sombra adora.
Extasiado diante de si mesmo, sem mover-se do lugar [...].
Ovídio

RESUMO

A grande importância dada à imagem e à aparência atualmente é fato de conhecimento público. Essa valorização do corpo em relação à estética foi verificada em estudo anterior entre adolescentes de classes populares, os quais revelaram uma insatisfação com o corpo, mesmo estando dentro do padrão de saúde. Diante da grande preocupação com a estética corporal demonstrada por estes adolescentes, esse estudo teve como objetivo conhecer e analisar as representações sociais de corpo entre adolescentes de classes populares. Tratou-se de uma investigação de abordagem qualitativa realizada com um grupo de adolescentes trabalhadores vinculados ao Centro Salesiano do Menor (CESAM), situado no município de Vitória-ES. Uma amostra aleatória foi selecionada a partir de uma lista de 334 adolescentes, compondo um grupo de vinte adolescentes de ambos os sexos. Dentre esses, oito meninas e sete meninos foram abordados por meio de entrevista não-estruturada. A interrupção das entrevistas se estabeleceu mediante o ponto de redundância, o qual aponta para uma repetição das respostas. A partir da análise das falas desses sujeitos, foi realizada uma categorização e utilizada a teoria das Representações Sociais para discussão das categorias levantadas. Os resultados apontaram que a percepção de corpo, tanto para meninos quanto para as meninas, está voltada para as idéias de proporcionalidade, normalidade e perfeição. Para os meninos, um corpo musculoso e forte foi destacado e para as meninas detalhes como cabelo, cor da pele e até acessórios da moda foram citados. O desejo de possuir um corpo como no padrão veiculado pela mídia foi revelado tanto pelos adolescentes do sexo masculino quanto pelos do sexo feminino. A insatisfação com o seu próprio corpo sobressaiu entre as meninas. A saúde e um corpo funcional foi também lembrado pelos meninos, associado à questão do trabalho. Quanto às conseqüências de não ter o corpo ideal, ambos apontaram situações como: exclusão, doenças, infelicidade e até morte. Aprofundar o conhecimento sobre a percepção, os pensamentos e sentimentos dos adolescentes relativos ao corpo, fornece subsídios para intervenções neste grupo, ampliando significativamente o âmbito de atuação na área da saúde.

Palavras-chave: Imagem Corporal; Adolescência; Sociedade de Consumo.

ABSTRACT

The great importance given to the image and appearance currently is fact of public knowledge. This valuation of the body in relation to the aesthetic one was verified in previous study between adolescents of popular classrooms, which had disclosed an insatisfaction with the body, exactly being inside of the health standard. Once, with the great aesthetic concern with the corporal one demonstrated by these adolescents, the current study had as objective to know and analyse the social representations of body between adolescents of popular classrooms. One was about an inquiry of carried through qualitative boarding with a group of diligent adolescents tied with the Centro Salesiano do Menor (CESAM), situated in the city of Vitoria - ES. A random sample was selected from a list of 334 adolescents, composing a group of twenty adolescents of both sexes. Amongst these, eight girls and seven boys had been boarded by means of not-structuralized interview. The interruption of the interviews if established by means of the redundancy point, which points with respect to a repetition of the answers. From the analysis of what they said, was used the theory of the Social Representations for quarrel of the raised categories. The results had pointed that the body perception, as much for boys how much toward the girls, is come back toward the ideas of proportionality, normality and perfection. For the boys, a muscular and strong body was detached and for the girls details as hair, color of the skin and accessories of the fashion had been spoken. The desire to possess a body as in the standard propagated for the media was disclosed by the two groups. The insatisfaction with the body was stronger in the girls. The health and a functional body were remembered by the boys, associated to the question of the work. About the consequences of not having the ideal body, both had pointed situations as: exclusion, illnesses, misfortune and even death. To deepen the knowledge on the opinion, the thoughts and feelings of the relative adolescents to the body, supplies to subsidies interventions in this group, extending significantly the scope of performance in the area of the health.

Keywords: Body Image; Adolescence; Consumer Society

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	14
2.1 O CORPO EM MOVIMENTO: TRANSFORMAÇÕES CONSTRUÍDAS.....	14
2.2 A BELEZA E O CORPO CIVILIZADO.....	18
2.3 UM CORPO EM MOVIMENTO: QUE CORPO ESTRANHO É ESSE?.....	22
2.4 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: APONTAMENTOS	29
3 METODOLOGIA	36
3.1 CENÁRIO DO ESTUDO	36
3.2 UNIVERSO DO ESTUDO E AMOSTRA.....	36
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	37
3.4 TRABALHO DE CAMPO	38
3.5 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	39
3.6 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	39
4 ESTUDO EMPÍRICO	40
4.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS SUJEITOS	40
4.2 MUITO PRAZER EM CONHECÊ-LOS	40
4.3 COM A PALAVRA, OS ADOLESCENTES	46

4.4	PARA COMEÇO DE CONVERSA...O QUE É UM CORPO BONITO?	46
4.5	TER (OU NÃO TER) UM CORPO LEGAL: EIS A QUESTÃO.....	50
4.6	A AUTO-IMAGEM DO ADOLESCENTE: ESPELHO, ESPELHO MEU	54
4.7	O PRÓPRIO CORPO EM QUESTÃO	61
4.8	VALE QUANTO PESA	63
	5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
	6 REFERÊNCIAS	75
	7 ANEXOS	81
	ANEXO A - CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO E ROTEIRO DE ENTREVISTA	82
	ANEXO B – APROVAÇÃO NO CONSELHO DE ÉTICA DO CCS	83
	ANEXO C – CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	84

1 INTRODUÇÃO

A grande importância atribuída à imagem e à aparência atualmente é fato de conhecimento público. A moda, os produtos e serviços de estética, os *spas*, as academias, as cirurgias plásticas, os medicamentos para emagrecer ou aumentar a massa muscular – tal como a mídia -, são alguns dos muitos recursos existentes que compõem uma rede que constrói e fortalece diariamente o universo da beleza e da estética.

O corpo, objeto do presente estudo, é também objeto deste cenário do qual falamos. Associado ao corpo, a beleza ou estética corporal também faz parte deste contexto, sendo estas objeto de desejo e de consumo; corpos esculpidos, modelados em academias ou produzidos em salas cirúrgicas. Consideramos aqui a sociedade ocidental como pano de fundo deste cenário.

As concepções e representações do corpo, juntamente com a beleza, sofreram transformações ao longo da história em cada sociedade, associadas às mudanças das condições sociais, econômicas e culturais que ocorreram, e, nesse sentido, entendemos que o processo de perceber e lidar com o corpo pelos diversos grupos sociais reflete o contexto sócio-cultural e econômico em que vivem, ao mesmo tempo em que esta realidade vivida é produzida e reproduzida por esses mesmos grupos.

Assim sendo, vários fatores operam na construção do corpo. Concebê-lo exclusivamente como uma entidade biológica seria desconsiderar os símbolos e valores que o constitui, sendo, nesse processo, sociedade e indivíduo elementos associados, caracterizadores do aspecto multifacetado do corpo.

Se há um modelo hegemônico de estética corporal atualmente na nossa sociedade, conhecer como determinado grupo pensa e concebe o corpo contribui para a compreensão desse fenômeno, como também esclarece a amplitude dos significados relativos ao próprio corpo.

A valorização da estética corporal foi por nós verificada em estudo anterior (BRAGA et al., 2005) entre adolescentes de classes populares, vinculados a uma instituição que os capacita a entrar no mercado de trabalho. Esses meninos e meninas revelaram uma insatisfação com o corpo, mesmo estando dentro do padrão de saúde.

Tomando como base o estudo exploratório anteriormente realizado, e partindo dos resultados evidenciados pelo mesmo, a presente pesquisa tem como objetivo, através de uma abordagem qualitativa, aprofundar algumas questões relacionadas à preocupação com a estética corporal pelos adolescentes de classes populares, investigando as representações de corpo entre esses, conhecendo seus valores, opiniões e crenças.

A relevância dessa pesquisa no campo da saúde, e especificamente na área da saúde coletiva, explica-se por uma ainda incipiente análise do corpo em aspectos além dos biológicos, e igualmente pela deficiente compreensão das condições de saúde e doenças associadas a disciplinas de outras áreas, como a psicologia, a sociologia e a antropologia, dentre outras.

No campo social, destacamos a relevância no que diz respeito a uma excessiva valorização da estética corporal na sociedade contemporânea e as evidentes repercussões já identificadas em diferentes áreas. Consideramos, ainda, possíveis dificuldades que os profissionais de saúde e educação possam vir a encontrar ao lidar com a questão do corpo entre adolescentes.

Sabemos que a realidade é dinâmica, e igualmente o são as pessoas que dela fazem parte. Nesse sentido, estamos conscientes de que este estudo é uma aproximação do fenômeno que queremos estudar, sendo impossível uma completa apreensão do mesmo.

Assim sendo, apresentaremos a seguir o estudo exploratório referido, realizado com um grupo de adolescentes que demandaram ao setor de saúde do Centro Salesiano do Menor (CESAM), localizado na cidade de Vitória/ES, um atendimento nutricional

com o objetivo de uma mudança corporal. Esses adolescentes queriam mudar seu corpo: uns queriam perder peso, outros ganhá-lo, e ainda havia os que queriam adquirir massa muscular.

A partir dessa demanda, investigamos os motivos que levavam esses sujeitos a desejarem uma mudança corporal, pesquisando a imagem corporal, e as perspectivas desses adolescentes em relação a alguns aspectos afeitos ao estado nutricional. Para isso, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas de abordagem quantitativa, coletados dados antropométricos (peso e altura) e classificado o estado nutricional em sobrepeso, baixo peso e eutróficos (normais).

Participaram deste estudo quarenta e três adolescentes identificados em uma lista inicial de cinquenta e cinco jovens, constituídos por vinte e um adolescentes do sexo masculino e vinte e dois do sexo feminino. A idade média do grupo ficou em torno de dezesseis anos e a maioria cursava o ensino médio. Grande parte do grupo estudado residia no município de Vitória. Outros eram procedentes dos demais municípios da Região Metropolitana da Grande Vitória¹.

No tocante à situação econômica desses adolescentes, assim como de suas famílias, verificou-se que a maioria vivia com menos que meio salário mínimo per capita, podendo ser dessa forma classificados como pertencentes a um segmento menos favorecido da população brasileira - aqui denominado de “classes populares”.

No que diz respeito ao objetivo na busca por acompanhamento nutricional, a maioria almejava perder peso; dez adolescentes queriam ganhar peso e seis relataram querer ganhar massa corporal. No entanto, foi observado que a maioria dos adolescentes apresentou adequação do estado nutricional, ou seja, os adolescentes não apresentavam obesidade, e o sobrepeso não foi significante. Apesar disso, mostraram descontentamento com o próprio corpo, e o motivo de desejarem uma mudança corporal se relacionava a uma grande preocupação com a beleza e a estética.

¹ Além do Município de Vitória, os seguintes municípios formam a Região Metropolitana da Grande Vitória: Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana e Vila Velha.

Referências, tais como “quero me sentir melhor”, “tenho vergonha de ir à praia”, “acho minha barriga grande”, “estou me achando feio, pesado”, foram comuns nas falas dos adolescentes, quando questionados sobre o motivo de desejarem mudar o corpo. Ainda foi destacada pelo grupo a discriminação da sociedade aos que não correspondem ao padrão de beleza predominante.

Como dito anteriormente, foi a partir destes resultados que a presente pesquisa se constituiu, com um propósito de uma nova abordagem que permita um aprofundamento sobre as questões levantadas. Nessa perspectiva, seguiremos no segundo capítulo deste trabalho, com algumas considerações teóricas que contemplem discussões acerca do corpo, da beleza, e da adolescência, contextualizando esses elementos no conjunto social, dentro de uma perspectiva histórica e cultural.

Falaremos ainda nesse capítulo da teoria das representações sociais, trazendo seus fundamentos básicos, a fim de elucidar sua importância como referencial teórico para a análise do estudo em questão.

A metodologia será demonstrada no terceiro capítulo, relatando o processo de coleta e análise dos dados.

No capítulo 4, explicitaremos o estudo empírico, trazendo uma caracterização dos adolescentes da pesquisa, o conteúdo revelado por esses, e uma discussão que possa ancorar esses conteúdos ao conjunto social em que estão inseridos.

As considerações finais que dão seguimento ao capítulo anterior é um espaço que não tem a pretensão de concluir nosso estudo; ao contrário: significa a possibilidade de abertura de um diálogo entre as diversas disciplinas e práticas sociais que se ocupam do tema desta pesquisa, na busca de um olhar mais amplo e dinâmico sobre os fenômenos da vida do adolescente.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

2.1 O CORPO EM MOVIMENTO: TRANSFORMAÇÕES CONSTRUÍDAS

O corpo, enquanto objeto de estudo e conhecimento, contempla várias dimensões, e dentre essas, podemos apontar duas: uma dimensão objetiva, orgânica, tradicionalmente do domínio da medicina e da biologia, e uma num plano subjetivo, sendo, desta forma, um corpo vivenciado e sentido, constituindo objeto de reflexão da filosofia e das disciplinas humanísticas (GISBERT, 1991).

No primeiro caso, o corpo é uma entidade percebida de uma forma mais objetiva, e, nesse sentido, valorizam-se aspectos que possam ser medidos e verificados com exatidão para que esse possa ser quantificado. Subjetivamente, o corpo é entendido ao se levar em consideração sua interação com o mundo e as implicações dessa relação.

Os conceitos sobre a experiência do corpo e sua relação com o mundo começaram a extrapolar sua suposta dimensão exclusivamente natural, sendo esse processo desencadeado desde Marx, Nietzsche e Freud, com discussões sobre a -a ação, a vontade e o desejo humanos. Assim posto,

Abriu-se assim, 'uma nova zona de visibilidade do corpo', permitindo a leitura das 'inscrições dos fatores econômicos e políticos, da moral, da cultura, dos fantasmas e dos investimentos de desejo que circunscrevem o modo como o corpo emprega sua força de trabalho, instintual ou pulsional' (SANTAELLA, 2004. p.27).

Contribuindo na perspectiva de ampliar a visão sobre o corpo, Boltanski (1989) mostrou que os hábitos corporais entre os membros das classes populares e os membros das classes ditas superiores, ou mesmo dos homens e das mulheres, são diferentes, e que essas diferenças se relacionam de uma certa maneira, com a

reprodução da relação dos agentes sociais com seus corpos, estabelecidas na evolução do tempo. Nesse sentido, este autor se refere aos trabalhos dos historiadores que se interessaram pela evolução das práticas corporais e que mostraram o contínuo crescimento, desde o século XVIII, da atenção e do interesse dedicados ao corpo.

O corpo, portanto, numa perspectiva mais ampla, pode ser mais bem compreendido quando explicitados os vários fatores que o constituem. Neste sentido, navegando um pouco pela história, tomamos conhecimento das inúmeras transformações pelas quais passou o mesmo ao longo dos tempos, sendo que as aceções em torno dele e os seus usos se modificaram ao mesmo tempo em que aconteciam as transformações da sociedade.

Desde os primórdios da humanidade, o corpo, além de ser concebido como instrumento de sobrevivência para lidar com os fenômenos da natureza tinha como atributos essenciais o esteticamente belo, a perfeição e a simetria. Os torneios e as competições esportivas serviam como meio de celebrar as qualidades corporais, embora também fossem importantes para a vida militar e política. Nessa perspectiva, podemos considerar que “a presença corporal doutrinava o exercício do poder” (PELEGRINI, 2004, p. 2).

Ainda no que diz respeito ao trato com o corpo, esse inicialmente era permeado pela idéia da natureza humana perfeitamente integrada à ordem da natureza e dependente dos desígnios divinos - idéia que perdurou durante milênios na história das diferentes civilizações. Era a ligação do ser humano com a totalidade; uma visão cosmológica (SILVA, 1999).

Com as transformações das estruturas sociais ao longo do tempo, houve, de certa forma, uma alternância entre o enaltecimento da guerra e dos valores coletivos e a valorização do trabalho e do pensamento individual e, nesse contexto, ocorreram profundas mudanças sobre a forma de conceber, pensar e usar o corpo nas diferentes sociedades.

É da concepção inaugurada por Sócrates e intensificada por Platão, na qual ambos negligenciavam o valor do corpo em relação à alma, que surge o pensamento dualista, no qual posteriormente o filósofo Descartes solidificaria essa distinção. Assim, nessa concepção, o homem é dividido em corpo e mente.

Na idade média, o poder da presença corporal sobre a vida cotidiana da sociedade feudal se associava às suas características essencialmente agrárias e ao vínculo com a terra. Nesse sentido, qualquer tipo de prática corporal que visasse ao culto do corpo era tolhida pela instituição religiosa da época. Na renascença, o método científico teve destaque e, nesse momento, o corpo, sob o olhar dos cientistas, serviu de objeto de estudos e experiências, e todo um sistema de regras visava à saúde corpórea (PELEGRINI, 2004).

Na lógica do sistema capitalista, surge uma concepção de um corpo manipulável, oprimido e domesticado, servindo aos interesses do ganho econômico. O pensamento iluminista, por sua vez, acentuou a depreciação do corpo, negando as vivências sensoriais corpóreas, atribuindo ao mesmo um plano inferior, retomando a dicotomia corpo e alma. O elevado desenvolvimento técnico-científico propiciado pela evolução da sociedade industrial ofereceu, principalmente às elites, novas possibilidades tecnológicas, incrementando as técnicas e práticas sobre o corpo, desencadeando um aumento da expectativa de vida, como também uma expansão das formas de interação e realização de atividades corporais devido aos novos métodos de comunicação e locomoção; contudo, a necessidade de consumo criada pelas novas tecnologias desencadeou uma padronização dos conceitos de beleza, fundados no corpo magro ou musculoso.

Na sociedade contemporânea, a “superexposição de modelos corporais nos meios de comunicação contribuiu fundamentalmente para a divulgação de uma ótica corpórea estereotipada e determinada pelas relações de mercado” (PELEGRINI, 2004, p.4). A esse respeito, Serra e Santos (2003) referem que, no mundo contemporâneo, a mídia exerce papel importante na construção e desconstrução de procedimentos alimentares e padrões de estética, os quais estão submetidos a interesses de empresas produtoras de mercadorias, indústrias de aparelhos e equipamentos e setores financeiros. Assim, discursos sobre práticas alimentares

para emagrecimento formam um padrão estético de corpo ideal e são transmitidos como representantes de interesses de alguns segmentos.

Silva (1999) analisa que o individualismo, como expressão ideológica do capitalismo industrial, forjou uma imagem corporal e, nesse sentido, apresenta indicadores que ao longo da história da civilização ocidental colaboraram na construção do indivíduo e da sociedade, sustentando a idéia da modernidade do interesse pelo corpo numa sociedade racional. Destaca o poder investido nos corpos dos indivíduos ao longo do tempo “criando uma forma específica de consciência de si, ao mesmo tempo em que faz uma exploração econômica” (p.25). O referido autor considera que,

O eixo civilizatório eleito no Ocidente gerou a construção de uma expectativa de corpo fundamentada no reforço de um sentimento contraditório que se vê explodir na atualidade: dominar o corpo e, ao mesmo tempo, libertá-lo; subjugá-lo e depender dele para sua ‘felicidade’; acreditar na superioridade e na independência da mente, mas se submeter aos rituais necessários ao corpo ‘em forma’ (SILVA, 1999, p.25).

Santaella (2004) ressalta a relevância dos debates dispensados ao corpo nesta entrada de século e milênio, convidando a observar o número crescente de publicações que tomam o corpo como objeto de suas reflexões. No seu entendimento,

Constituído pela linguagem, sobredeterminado pelo inconsciente, pela sexualidade e o fantasmático e construído pelo social, como produto de valores e crenças sociais, o corpo foi crescentemente se tornado o nó górdio no qual as reflexões contemporâneas são amarradas (p.28).

De um lado, constituído como entidade biológica e primeiro instrumento do homem; de outro, objeto de domesticação exercida pela cultura, apropriado e modelado por ela. Explicitada a ordem de fenômenos que configuram o corpo, daremos seguimento, abordando o sentido estético do mesmo.

Ressaltaremos, dessa forma, a beleza física e a aparência, portadoras de significações e respostas às demandas de cada época, cada povo e cultura determinantes, culminando em um comportamento consumista e narcisista exacerbado, à serviço de interesses mercadológicos, mesmo que conflitando com situações de desigualdades sociais.

2.2 A BELEZA E O CORPO CIVILIZADO

Eco (2004) - um dos mais notáveis construtores do pensamento da modernidade reflexiva em que vivemos -, ao escrever sobre a história da beleza, definiu o “belo” - junto com “gracioso” ou “sublime”, “maravilhoso”, “soberbo” e expressões similares, como um adjetivo que freqüentemente usamos para indicar algo que nos agrada. Contudo, nessa sua obra, mostrou a beleza por si só, independentemente do desejo que se tem dela.

Fez também compreender, através de sua pesquisa, qual era em determinado momento o ideal de beleza, mostrando que o belo depende da época e da cultura. Parte do princípio de que a beleza jamais foi algo absoluto e imutável, mas assumiu faces diversas segundo o período histórico e o país, e que a mesma não se limitava apenas à beleza física do homem, da mulher ou da paisagem, mas também se referia a um outro plano, como a beleza de Deus, dos santos, ou das idéias.

Diante de numerosas variações culturais, raciais, e segmentações em classes sociais, principalmente no Brasil, parece até contraditório falar em um modelo ou padrão de beleza de estética corporal. No entanto, podemos verificar na própria história da civilização que uma imposição de padrões e normas de conduta e beleza sempre existiu, apesar das variações e dinamismo já considerados, marcando uma época e um povo específicos.

Ao escrever sobre a colonização das terras brasileiras, Otta e Queiroz (2000), mostraram as mudanças de percepção acerca do corpo e da beleza que foram se constituindo, determinados pelos empreendimentos coloniais, acompanhados por

domínio, domesticação e extermínio dos índios da época, transformando a natureza e a cultura desse povo em sinais de desigualdade e desqualificação segundo os critérios europeus dominantes. Assim, hábitos, costumes e valores se modificaram em prol de uma chamada civilização.

As alterações em torno do corpo e da estética dos europeus se basearam nas formações sociais hierarquizadas e desiguais. Daí se pode depreender que:

O corpo e os usos que dele fazemos, bem como as vestimentas, adornos, pinturas e ornamentos corporais, tudo isso constitui, nas mais diversas culturas, um universo no qual se inscrevem valores, significados e comportamentos, cujo estudo favorece a compreensão da natureza da vida sócio-cultural (OTTA; QUEIROZ, 2000, p.19).

Nota-se, portanto, que existem aspectos antropológicos, políticos e mesmo culturais de cada povo e/ou raça ao falar de corpo e beleza, pressupondo uma determinada visão de mundo (OTTA; QUEIROZ, 2000).

Boltanski (1989), fazendo uma análise sobre como as condições econômicas e a estrutura de classes impõem regras ao corpo, considerou que uma relação consciente e reflexiva com o corpo depende da utilização que se faz desse, referindo-se ao tipo de trabalho, esforço físico, grau de instrução e gênero (masculino ou feminino).

Considera, por exemplo, que uma relação atenciosa, de escuta e de análise, podendo “compreender” o corpo, torna-se difícil para aqueles que fazem uma utilização máxima do mesmo, sendo que, para ter uma atitude atenta em relação ao corpo, seria necessária uma redução de duração e intensidade da atividade física. Explica que, por isso, nas classes populares, as regras que organizam a relação dos indivíduos com seus corpos são diferentes dos indivíduos das classes ditas superiores.

Sobre este tema, Boltanski (1989, p.168) afirma que:

À medida que se sobe na hierarquia social, que cresce o nível de instrução e que decresce correlativamente e progressivamente o volume de trabalho manual em favor do trabalho intelectual, o sistema de regras que regem a relação dos indivíduos com o corpo também se modifica [...].

No entanto, o referido autor (op. cit.) pondera que as pessoas das classes populares se esforçam para obter imagem semelhante aos da classe dita superior, apesar das dificuldades que isso representa para eles em aspectos econômicos, temporais, etc.

Continuando nessa análise, observa que as revistas femininas, principalmente aquelas lidas por mulheres da classe média ou da faixa superior das classes populares, são veículos que propõem as normas e modelos de vida das classes ditas superiores e contribuem para suscitar nas leitoras a vergonha de si mesmas e, mais precisamente, a vergonha do corpo, ressaltando que, dessa forma, essa pode se referir a uma vergonha de classe, pois considera que o corpo é efetivamente do mesmo jeito que todos os outros objetos técnicos, visto que a posse do mesmo marca o lugar do indivíduo na hierarquia de classes (BOLTANSKI, 1989).

A esse respeito, Boltanski (1989) amplia ainda mais a discussão, acrescentando que,

[...] pela sua cor (descorada ou bronzeada), textura (flácida e mole ou firme e musculosa), pelo volume (gordo ou magro, rechonchudo ou esbelto), pela amplitude, forma ou velocidade de seus deslocamentos no espaço (desajeitado ou gracioso), é um sinal de *status* – talvez o mais íntimo e daí o mais importante – cujo resultado simbólico é tão maior, pois, como tal, nunca é dissociado da pessoa que o habita (p.183).

Santaella (2004), relata que a preocupação com a beleza foi ganhando força no decorrer do século XX e, na contemporaneidade, “a palavra de ordem está no corpo forte, belo, jovem, veloz, preciso, perfeito, inacreditavelmente perfeito” (p.127).

Desenvolve-se, assim, a cultura do narcisismo, um culto ao corpo, e essa hipervalorização da construção corporal envolve tudo o que responda à avidez de se aproximar ao corpo ideal. Na estruturação dessa prática, comparecem a mídia e a indústria da beleza, sendo que a primeira mantém sempre presente na vida cotidiana as últimas novidades e descobertas tecnológicas e científicas, ditando e incorporando tendências. Quanto ao papel das indústrias de beleza, é notória a preocupação em garantir os objetos e produtos consumíveis, como as academias, os *spas*, os centros estéticos, e outras tantas novidades que não cessam de surgir a cada dia (SANTAELLA, 2004).

A autora, continuando uma análise sobre o corpo nas mídias, lembra o diagnóstico já traçado por filósofos e teóricos de que a “idéia de eu” entrou em crise, na qual as noções de indivíduo, sujeito e subjetividade a que essa idéia sempre esteve ligada foram progressivamente varridas por mudanças culturais. No lugar do eu, proliferam agora novas imagens de subjetividade, sendo essas hoje “multiformes, heteróclitas, descentradas, instáveis, subversivas” (p.125). No entanto, mostra o paradoxo instalado, pois, ao mesmo tempo em que essas imagens levam à dispersão da idéia unificada do eu, as mídias em geral trabalham freneticamente pela preservação da “idéia do eu” que dá fundamento às práticas regulatórias institucionais.

Assim, considera que os estudos sobre a subjetividade esforçam-se por denunciar os vultos fantasmagóricos que se escondem por trás dos axiomas das crenças. As mídias fazem pesar a balança para o lado das ilusões, e, certamente, quem ganha a batalha são as mídias, ao passar incessantemente imagens que dão robustez ao imaginário e alimentam as miragens do ego. Complementa referindo que:

[...] nas mídias, aquilo que dá suporte às ilusões do eu são, sobretudo, as imagens do corpo, o corpo reificado, fetichizado, modelizado como ideal a ser atingido em consonância com o cumprimento da promessa de uma felicidade sem máculas (p.125).

Portanto, o corpo, sendo um reflexo da sociedade, é pensado, representado e passível de leituras diferenciadas de acordo com o contexto social, não sendo

possível conceber processos exclusivamente biológicos, instrumentais ou estéticos no comportamento humano.

Ao corpo se aplica sentimentos, discursos e práticas que estão na base de nossa vida social, sendo, portanto, emblemático de processos sociais, tornando o estudo sobre o mesmo imprescindível não só para especialistas das áreas biomédicas como para os cientistas sociais (FERREIRA, 1994).

Traçado um panorama sobre a forma como o corpo e a beleza se constituem, é importante destacar que nesse estudo estamos nos referindo ao corpo concebido por adolescentes, sendo, portanto, significativo que passemos a conhecer alguns aspectos desses sujeitos ditos adolescentes, caracterizando a adolescência propriamente dita e o corpo nesse contexto.

2.3 UM CORPO EM MOVIMENTO: QUE CORPO ESTRANHO É ESSE?

O que chamamos de adolescência, freqüentemente, é associado a um período do desenvolvimento humano marcado por transformações biológicas e psíquicas geradoras de inquietudes e sofrimento, sendo a emergência da sexualidade e a dificuldade em estabelecer a própria identidade alguns dos elementos associados a essa fase. Esclarecemos que as referências que aqui tomamos sobre o conceito de adolescência ou juventude têm base em disciplinas como a psicologia, a sociologia e a antropologia, assim como nas chamadas disciplinas da área da saúde.

Na definição da adolescência, o critério biológico comparece e tem associação com o fenômeno da puberdade, o qual, através de transformações físicas importantes, prepara o organismo para a reprodução. Esse fenômeno caracteriza-se pela universalidade na espécie e delimita as fronteiras da adolescência, pois, o processo do surgimento dos caracteres sexuais e da finalização do crescimento morfológico se confunde com o período cronológico mais comumente associado à adolescência,

isto é, em média, dos 10 aos 16 anos nas meninas e dos 12 aos 19 anos nos meninos, podendo variar entre grupos populacionais (MENANDRO, 2004).

Do ponto de vista cronológico, a adolescência é estabelecida pela Organização Mundial de Saúde, marcando a idade de 10 a 14 anos como sendo a pré-adolescência, e a idade de 15 a 19 anos, a adolescência propriamente dita. Já na esfera legal no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal 8.069 de 1990) considera a pessoa entre 12 e 18 anos de idade como adolescente.

Stanley Hall e Erickson, pontua Ozella (2002), são considerados como alguns dos primeiros responsáveis na formulação de uma concepção naturalista e universal sobre a adolescência. Autores como Aberastury (1983) e Aberastury e Knobel (1984), influenciaram muito e são fontes de referência para quem se preocupa com o tema.

Aberastury (1983) considera que a adolescência é um momento crucial na vida do homem, constituindo uma etapa decisiva de um processo de desprendimento, no qual ocorrem contradições, sendo um período confuso e doloroso. Knobel (1984) introduz a concepção de “síndrome normal da adolescência”, partindo do pressuposto de que o adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas e, nesse sentido, apresenta uma vulnerabilidade especial, podendo assimilar os impactos projetivos de pais, irmãos, amigos e de toda a sociedade.

Ozella (2002) acrescenta que essa concepção naturalizante e patologizante da adolescência passou a ser compartilhada pela psicologia e incorporada pela cultura ocidental, sendo assimilada pelo homem comum, o que muitas vezes ocorreu através dos meios de comunicação de massa.

No entanto, essa ênfase naturalizante que coloca uma crise preexistente no adolescente vêm sendo colocada em questão. Uma das críticas mais contundentes fundamenta-se na análise sobre a caracterização da adolescência como uma fase inerente ao desenvolvimento do homem, negligenciando-se a relevância social e mascarando as desigualdades presentes nas relações sociais.

Buscando superar essa visão da adolescência, estudos têm sido realizados considerando a mesma como uma criação histórica do homem, enquanto representação e fato social e psicológico. Assim, a adolescência é constituída como significado, produzida pelos homens, a partir da realidade social e de marcas que serão referências para a constituição dos sujeitos. São necessidades que surgem, novas descobertas científicas, enfim, fatos da vida que vão se configurando enquanto significações.

O próprio processo biológico pelo qual passa o adolescente gera necessidades de adaptações culturais e comportamentais, ao passo que a adolescência deve ser descrita como um processo biopsicosocial, envolvendo um conjunto de transformações de natureza psicossocial, em sua maior parte sem caráter universal (MENANDRO, 2004).

Os seios que se desenvolvem em uma menina, em algum tempo ou cultura, já foram interpretados como uma possibilidade de amamentar seus filhos, sendo que, hoje, os mesmos significam tornar as meninas sedutoras e sensuais. Para os meninos, a força muscular já teve o significado de maior possibilidade para o trabalho, maior capacidade de guerrear e caçar, e hoje é considerada como fonte de beleza, sensualidade e masculinidade (OZELLA, 2002).

A adolescência deve, portanto, ser compreendida numa inserção sócio-histórica, dentro de uma totalidade social, onde as condições sociais constroem uma determinada adolescência. Assim sendo, para Ozella (2002), a construção da adolescência deu-se a partir de necessidades sociais e econômicas, visto que o ingresso no mercado de trabalho foi se tornando mais complexo, exigindo uma melhor preparação e maiores requisitos, prolongando o tempo de formação na escola e mantendo as crianças mais tempo sob a tutela dos pais.

Essa situação de exigência de preparação profissional cada vez mais prolongada, bem como a expansão do período de tutela familiar associado a essa preparação, continua vigorando para muitos grupos sociais, o que vem forçando a adoção de um critério muito mais elástico para delimitar o fim da adolescência (MENANDRO, 2004).

Nessa perspectiva, segundo a autora (op.cit), a contigüidade com a puberdade não pode mais ser invocada, visto também que muitas das características tradicionalmente atribuídas ao adolescente já não estão mais necessariamente presentes. Assim, o termo adolescente foi substituído em determinadas investigações, dando lugar ao surgimento de um novo termo emergente nos trabalhos sociológicos – a juventude - que abarca uma faixa etária mais dilatada do que aquelas relacionadas à noção de adolescência.

Em síntese, foi em instituições como a escola e o exército que germinou a noção de adolescência, criando formas de transição entre o “menino” e o “homem”, permitindo a identificação de uma fase cronologicamente posterior à infância, de preparação para vida adulta, sendo esses lugares predominantemente masculinos. Posteriormente, o conceito de adolescência veio a ser estendido ao mundo das mulheres com o advento do movimento higienista quando esse se interessou pelo campo materno-infantil (REIS; ZIONI, 1993).

Assim, é relevante destacar que estamos falando de adolescências. Ou seja, trata-se, ao nosso ver, de um campo que encerra muitas possibilidades de interpretação, visto que dá conta do conceito de pelo menos duas categorias normatizadoras, a saber, “adolescência” e “outra adolescência”, se pensada na perspectiva de gênero. Ou “adolescência” e “outras adolescências”, se analisadas numa perspectiva social.

No entanto, a despeito do que parece ser uma afirmação da existência de uma simetria na adolescência dos gêneros na cultura ocidental, há de se abstrair esse conceito e revelar que, na gênese da infância e da adolescência, a mulher, assim como a criança, esteve por muito tempo excluída (REIS; ZIONI, 1993).

Ainda na perspectiva de mostrar o caráter sócio-cultural da adolescência, Martins et al., (2003) analisaram como adolescentes de diferentes inserções sociais representam essa fase da vida e dão sentido ao período em que vivem, verificando que a forma de ver e experienciá-la, por adolescentes de região urbana e rural, configuraram-se de formas diferentes, apontando para os espaços sociais em que vivem.

Assim, para os adolescentes da zona rural, o futuro está mais próximo, pois alternam o trabalho com o ensino médio técnico e reconhecem a própria responsabilidade na construção do mesmo. No caso dos adolescentes da zona urbana, apenas pensam em uma vida profissional após fazer o curso superior, relacionando o futuro às condições que lhes forem oferecidas (MARTINS et al., 2003).

Portanto, a forma como esse período é percebido e representado pode variar muito em função de aspectos histórico-estruturais característicos e das especificidades culturais de cada grupo social.

No entanto, Menandro (2004), em sua pesquisa sobre representações sociais da adolescência/juventude de dois períodos pesquisados a partir da análise de textos jornalísticos, apontou semelhanças e diferenças nas representações sociais de adolescência. Explicita que, mesmo com a diversidade da produção científica atual a respeito da adolescência e com seu afastamento da visão tradicional considerada mais patologizante, a produção acadêmica atual ainda não foi incorporada nas representações sociais que circulam no meio social. Na opinião da autora, tal fenômeno não se deu, visto que a mudança de enfoque não se configurou de uma forma consistente em sua pesquisa.

Assumimos aqui neste estudo, a compreensão que concebe a adolescência por meio da inserção histórico-estrutural e simbólica, na qual “este período não necessariamente deverá ser conflituoso, reconhecendo que esta etapa do desenvolvimento envolve a interação do indivíduo com outros e com um contexto” (MARTINS et al., 2003, p. 556), e não meramente por uma delimitação de faixa etária.

Distanciamos, portanto, do caráter de transitoriedade da adolescência que por muitas vezes lhe conferiu uma importância menor, e partimos de uma concepção de adolescência como uma etapa importante do desenvolvimento humano, “período cujas transformações físicas-biológicas da puberdade associam-se àquelas de âmbito psico-social-cultural, delas resultando a realização do jovem e posteriormente do adulto” (CANO et al.1999, p.1).

Em relação às transformações do corpo do adolescente, verifica-se neste processo que o universo físico (corporal) adquire importância fundamental. Na visão de Tiba (1986, p.13), “é na área do corpo que se operam as maiores e mais visíveis modificações entre infância e a adolescência, o que basicamente caracteriza a puberdade”.

É o momento do despertar da sexualidade, em que o corpo se habilita no biológico e no social, para a reprodução, para a vida sexual, para o namoro, enfim, para um novo posicionamento na vida. A personalidade, juntamente com o corpo, vai ganhando nova configuração. Há um entrelaçamento do corpo (físico), mente (aparelho psíquico) e ambiente (social), e dessa forma o crescimento e desenvolvimento vai evoluindo até atingir a maturidade biopsicossocial (TIBA, 1986).

Quanto às alterações corporais do adolescente, ocorre um crescimento simultâneo com diferentes velocidades, sendo que algumas partes do corpo apresentam índices de crescimento diferentes dos de outras partes. “As mãos, os pés, os antebraços, as pernas estiram-se mais precocemente e rapidamente do que a coluna, do que o alargamento dos ombros ou dos quadris” (TIBA, 1986, p. 45).

O esquema corporal, que é a representação mental do corpo, modifica-se juntamente ao mesmo. No entanto, essas sucessivas alterações do corpo em período de tempo relativamente pequeno nem sempre são acompanhadas de modificações do esquema do corpo do adolescente (TIBA, 1986).

Os novos elementos que se apresentam, gerando uma nova situação para o adolescente, podem ou não provocar grandes sofrimentos, culminando na chamada crise da adolescência. Contudo, ao contrário dessa crise, o que muitas vezes se dá é um reequilíbrio desse sujeito adolescente (TIBA, 1986).

Sucessivas reconstruções e reformulações da imagem do próprio corpo são exigidas e, quanto a esse fato, Osório (1989, p.16), refere que a imagem corporal é uma “representação condensada das experiências passadas e presentes, reais ou fantasiadas, conscientes ou inconscientes [...]”.

Não é somente a imagem do físico. Toda a representação de si mesmo passa a constituir na adolescência um tema fundamental, associando fortemente a imagem

corporal e a identidade. A identidade se organiza através de identificações. Inicialmente com os pais, professores e ídolos. Depois com a turma, o "grupo de iguais", pois é nela que os adolescentes compartilham e trocam experiências, falam e fazem coisas comuns, reconhecem-se pelas roupas, atos e linguagem utilizada (CANO et al., 1999).

É através da identificação e da comparação com os seus pares que o adolescente começa a ter uma idéia concreta de seu esquema corporal, se seu corpo corresponde ou não ao corpo idealizado para si e também para o grupo. Nesse sentido, Cano et. al (1999, p. 1), considera que,

Os aspectos relacionados ao crescimento e desenvolvimento corporal que são alvos freqüentes de comparação entre os adolescentes, são a baixa estatura, tamanho do pênis, quantidade de pelos e força muscular, no caso dos meninos. Para as meninas, são o excesso de peso, ausência ou atraso da menstruação, tamanho dos seios, acne, estrias e celulite.

As identificações, as referências e as relações afetivas que, antes, vinculavam-se à família como núcleo mais importante são deslocadas em direção a seus pares, provocando uma modificação dos sentimentos e do objeto afetivo. Nesse sentido, Tiba (1986) diz que essa é a fase de encantamento, um período de amadurecimento, de preparação, vivenciado pelo adolescente para chegar ao namoro, passível de ser caracterizado como uma etapa em que o interesse e a satisfação sexual predominam sobre outros interesses e relacionamentos afetivos.

Afirma que os rapazes procuram ter sua primeira relação sexual nessa fase - geralmente com prostitutas. As garotas, contudo, não manifestam de maneira tão forte e clara as necessidades e as atividades sexuais, direcionando suas energias para se vestir bem, maquiarse, enfim, todo um esforço em ficar bonita e atraente, evidenciando ainda mais a preocupação com a auto-imagem. Em nossa opinião, na atualidade, a iniciação sexual dos adolescentes brasileiros dá-se cada vez menos com profissionais do sexo e mais entre os pares.

Ainda, segundo Tiba (1986), o namoro é uma etapa importante no desenvolvimento do ser humano, pois se trata de um relacionamento social afetivo-sexual, resultante de uma série de modificações físicas e intrapsíquicas, e que traz à tona a auto-

imagem, a auto-estima, a importância atribuída ao corpo, o modelo de relacionamento dos pais (homem-mulher) e a expectativa de um futuro.

Há de se considerar, no entanto, que, enquanto a puberdade é um fenômeno universal que tem como referência principal o processo biológico, a adolescência é uma fabricação cultural do mundo ocidental. Assim posto, em muitas sociedades de cultura ágrafa, por exemplo, esse fenômeno – adolescência – não existe: os rituais de passagem demarcam a evolução da condição infantil para a vida adulta.

Ao buscarmos desenvolver, na perspectiva do discurso do adolescente, um estudo que trata de aspectos tão multifacetados e afeitos ao corpo, recorreremos à Teoria das Representações Sociais – um quadro teórico fronteiro entre a psicologia e a sociologia - como suporte para o nosso estudo empírico. Neste sentido, passamos a apresentar, a seguir, algumas considerações que julgamos essenciais à compreensão da referida teoria.

2.4 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: APONTAMENTOS

O termo “representação” foi muito utilizado por Guilherme de Ockham (1289-1349) e distinguia três significações fundamentais para o mesmo: 1º aquilo por meio de que se conhece algo (idéia no sentido mais geral), 2º o fato de conhecer alguma coisa, conhecida a qual conhece-se outra coisa* (nesse sentido, é a imagem) e 3º a possibilidade de causar o conhecimento, da maneira como o objeto causa o conhecimento (nesse sentido, é o próprio objeto) (ABBAGNANO, 1982).

Esse termo, no entanto, veio a cair em desuso, sendo que no início do século passado voltou a se tornar muito significativo a partir do conceito de representações coletivas, elaborado por Durkheim, ao estudar as formas elementares da vida religiosa. Esse conceito foi o ponto de partida para que Serge Moscovici elaborasse

a sua teoria, no final da década de 50, **inaugurando a era das representações sociais (FIGUEIREDO; MASSARONI, 2004).**

Moscovici (1978), em seu estudo sobre como um saber (no caso, a psicanálise) foi incorporado pela sociedade francesa, possibilitou a construção do conceito de representação social. Definiu as representações sociais como uma “modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos” (p.26).

Afirmou, ainda, ser a representação social

um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas e liberam os poderes de sua imaginação (MOSCOVICI, 1978, p.29).

O sociólogo francês Durkheim referia as representações coletivas como uma oposição entre o individual e o coletivo, pessoa e sociedade. Contrariamente, Moscovici elaborou uma nova concepção teórica a qual chamou de representação social, em que um caráter indivisível e dinâmico comparece na relação do sujeito com a sociedade. Nesse sentido, enquanto proponente da referida teoria, Moscovici considera que

[...] as representações sociais são conjuntos dinâmicos, seu *status* é o de uma *produção* de comportamentos e de relações com o meio ambiente, de uma *ação* que modifica aqueles e estas, e não de uma *reprodução* desses comportamentos ou dessas relações, de uma reação a um dado estímulo exterior (p.50).

O fim dessa cisão aponta para um “objeto que se encontra não mais no terreno da sociologia, mas na intersecção indivisível do individual e do social, captado pela

psicossociologia deste autor” (NÓBREGA, 1990, p.4). Nesse enfoque, da relação indivíduo e sociedade, são apresentados as seguintes proposições:

O primeiro é o de que o indivíduo não é apenas um produto biológico, mas um produto social; e o segundo é o de que a sociedade não é um ambiente destinado a treinar o indivíduo e a reduzir suas incertezas, mas um sistema de relações entre ‘indivíduos coletivos’ (MOSCOVICI, 2003, p.158).

No entendimento de Moscovici (1994), o enfoque na relação de reciprocidade entre os fenômenos psicológicos e sociais determina o caráter específico da psicologia social. Essa disciplina, segundo Spink (1993, p.7), visualiza o indivíduo e suas produções mentais como produtos de sua socialização em um determinado segmento social. Dessa forma, a teoria das representações sociais é compreendida como uma modalidade sociológica de psicologia social (FARR, 1994).

Na análise dos processos psicossociais, além da experiência e vivência individual, Guareschi e Jovchelovitch, (1994), referem ser fundamental a articulação com o social, pois é esse o lugar da cultura, com seu sistema de idéias, conhecimentos, técnicas e artefatos, de padrões de comportamento e atitudes que caracterizam uma sociedade.

As representações sociais, segundo Nóbrega (1990), são produzidas e compartilhadas (por isso, sociais) nas desigualdades das condições sociais, resultantes da divisão do trabalho, sendo por isso heterogêneas.

Nesse sentido, as representações devem ser entendidas a partir do seu contexto de produção, ou seja, “a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam” (SPINK, 1993, p.2).

Sá (1993, p.11), considerando o caráter globalizante da formulação original das representações sociais e as tentativas recentes de lidar com o conceito de maneira mais delimitada, refere que, para circunscrever esse campo a fim de que possa resultar em uma nítida exclusão de tudo aquilo que não é uma representação, o saber prático deve ser detectado em comportamentos e comunicações que de fato ocorram, sistematicamente, no funcionamento cotidiano dos grupos sociais.

Spink observa que “as representações sociais, sendo definidas como formas de conhecimento prático, inserem-se mais especificamente entre as correntes que estudam o conhecimento do senso comum” (1993, p.4). Para Nóbrega (1990), o pensamento das massas, o chamado “senso comum”, que antes estava situado num pólo extremo em relação ao conhecimento científico, ganhou visibilidade, e, mais do que isso, a ele foi atribuída uma lógica, um conhecimento que tem uma organização psicológica autônoma.

Segundo Moscovici (1994), as conversações, dentro das quais se elaboram os saberes populares e o senso comum, são alguns dos fenômenos sociais, dentre outros, que nos permitem identificar de maneira concreta as representações sociais. Considera que sua produção encontra-se em uma série infindável de lugares sociais. Dentre esses, podemos citar as instituições, os movimentos sociais, as ruas, os meios de comunicação de massa, os canais informais de comunicação social e os atos de resistência.

Na formação das representações sociais, Nóbrega (1990) observa que Moscovici aponta dois processos fundamentais, os quais se referem à elaboração e ao funcionamento de uma representação, sendo denominados como objetivação e ancoragem.

Para Nóbrega, (1990, p.16), “a objetivação consiste em materializar as abstrações, corporificar os pensamentos, tornar físico e visível o impalpável, enfim, transformar em objeto o que é representado”.

A ancoragem “está dialeticamente articulada à objetivação [...]. Permite a incorporação do que é desconhecido ou novo em uma rede de categorias usuais” (NÓBREGA, 1990, p.20). “[...] é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada (MOSCOVICI, 2003, p.61).” Ou seja, ancoramos o desconhecido em representações já existente” (SPINK, 1993, p.9).

Pode-se afirmar que as representações possuem a função de convencionalizar os objetos, pessoas ou acontecimentos, dando-lhes uma forma, categorizando-os e os transformando em modelos que são partilhados por grupos de pessoas. Assim, essas convenções nos possibilitam conhecer o que representa o quê, a fazer associações entre o comunismo e a cor vermelha e a afirmar que a terra é redonda, ou que um determinado sintoma provém de uma doença, sendo esses significados dependentes ainda de um número de convenções preliminares, formando um elo em que cada experiência é somada a uma realidade predeterminada por convenções (MOSCOVICI, 2003).

Este autor (MOSCOVICI, 2003), afirma ainda que as representações são prescritivas, pois nos impõe com uma grande força um conhecimento anterior, o qual, de certa forma, determina o que deve ser pensado. As pessoas desde que nascem já encontram em conversações com os colegas, nos gestos dos pais, nos textos escolares, ou em jornais e filmes que assistirem, estruturas determinadas ou respostas já prontas, “produto de uma seqüência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações” (p.37). Assim, nossas experiências e idéias passadas continuam a ser ativas, mudando e infiltrando nossa experiência e idéias atuais.

No estudo das representações sociais, Moscovici (1978) considerou três dimensões: a atitude, a informação e o campo representacional. A atitude exprime a orientação geral, positiva ou negativa, diante da representação social. É a dimensão mais freqüente das três, podendo existir mesmo quando a informação é reduzida e o campo de representação é pouco organizado. A dimensão da informação refere-se ao conjunto de conhecimentos que o grupo possui a respeito de um objeto social, sua quantidade e qualidade, mais ou menos estereotipados, comuns ou originais. Por fim, a dimensão do campo de representação vincula-se à idéia de imagem, não como reflexo de uma realidade externa e cópia fiel no espírito do que se encontra fora dele, não se levando em consideração a atividade representativa.

Considera-se ainda, no estudo das representações sociais, os diferentes fatores sociais que podem contribuir para a sua formação. “A forma como a sociedade se estrutura pode dar origem a uma pluralidade de representações a respeito de um

mesmo objeto” (MOSCOVICI, 1978, p.64). As diferenças socioeconômicas e a diversidade de sistemas de orientação dos quais decorrem diferentes normas e valores assumidos por indivíduos e grupos são alguns dos exemplos que podem ser lembrados (MENANDRO, 2004).

Uma diversidade de pesquisas realizadas ao longo do tempo no campo das representações sociais demonstra sua vitalidade, sendo que os temas que configuram áreas mais consistentes de interesses dos pesquisadores podem ser destacados como: ciência, saúde, desenvolvimento, educação, trabalho, comunidade e exclusão social (SÁ, 1998).

O corpo, como objeto de estudo das representações sociais, foi tema considerado importante no trabalho de Jodelet (1984) por ser um objeto que se instala na interseção do psicossocial e que, pela especial característica de ser ao mesmo tempo um objeto público e privado, aproxima-se aos domínios do psicológico, do social e cultural, sendo depositário de significados afetivos e sócio-culturais.

Numa pesquisa onde se investigou a maneira como estudantes de medicina representam o corpo, também utilizando o modelo teórico das representações sociais, verificou-se, dentre os aspectos mais relevantes, uma contradição entre uma cultura que estimula a sexualidade, o domínio e o controle do corpo, e uma presença de um conflito individual em torno do mesmo. O predomínio de um paradigma anátomo-funcional, revelando a existência de um saber desconexo e incompleto, com pouca menção no âmbito das disciplinas humanísticas também foi demonstrado (GISBERT, 1991).

Por sua vez, Arpini (2003) ressalta a teoria das representações sociais ao tentar conhecer as experiências, os conflitos e vivências de adolescentes de grupos populares, afirmando que esta teoria

procura justamente dar conta dos fenômenos, considerando-os nos seus aspectos individuais e sociais, o que implica o distanciamento de uma visão unilateral sob o risco de falsearmos determinada interpretação ou leitura da problemática estudada (p.20).

Continuando com a contribuição de Arpini (2003), a autora considera que essa teoria possibilita “dar voz” ao adolescente desse grupo, o que normalmente lhe é negado, diante da massificação de um discurso já construído da mídia, em relação à marginalidade, à criminalidade e à pobreza. Acrescenta que o sujeito ao representar seu universo:

[...] se apropria de seu discurso e pode então modificá-lo. Ser escutado, isto é, ser objeto de interesse de alguém (nesse caso um pesquisador), é ter a condição de se tornar sujeito, e por isso essa história será ressignificada ao ser verbalizada pelo sujeito em discurso (ARPINI, 2003, p.26).

3 METODOLOGIA

O estudo utilizou a abordagem qualitativa, na qual considera o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Segundo Minayo (2000, p.21), trabalhar com esse tipo de estudo “é lidar com um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, os quais não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

3.1 CENÁRIO DO ESTUDO

O estudo foi realizado no Centro Salesiano do Menor (CESAM), localizado no bairro Forte São João em Vitória (ES), instituição que apresentaremos a seguir através de um breve relato.

O CESAM existe em vários estados do Brasil e foi implantado em Vitória em 1996, constituindo uma das frentes de trabalho do Sistema Salesiano de Educação Popular (SSEP). A referida instituição atende adolescentes das classes populares que desejam e precisam de trabalho para o seu crescimento pessoal e para a colaboração no orçamento de suas famílias. Tem por finalidade proporcionar uma educação de qualidade aos adolescentes, inserindo-os no mercado de trabalho formal, auxiliando adolescentes empobrecidos a darem um importante passo rumo ao mercado de trabalho dentro dos princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente (INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO, 2005).

3.2 UNIVERSO DO ESTUDO E AMOSTRA

Os adolescentes que estão cadastrados no CESAM e que constituíram nosso grupo de estudo foram selecionados através de uma amostragem aleatória, a partir de uma lista de 334 adolescentes de ambos os sexos, que lá ainda estariam freqüentando

nos meses de agosto a dezembro de 2005, período em que foi realizado o trabalho de campo.

Assim, foram sorteados vinte adolescentes e estabelecido que, caso houvesse necessidade, nova seleção seria realizada, e, como medida de interrupção das entrevistas, seria estabelecido o critério de ponto de redundância das questões abordadas no roteiro.

Alves (1991) nos diz que o ponto de redundância é aquele onde se observa que, a partir de um certo momento, as informações já obtidas estão suficientemente confirmadas e que o surgimento de novos dados vai ficando cada vez mais raro até que não mais se justifica a inclusão de novos elementos.

3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista não-estruturada, cuja técnica, conforme Marconi e Lakatos (1996, p. 84), refere ser “Um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou tratamento de um problema social”.

A não-estruturação da entrevista, de acordo com os autores citados, possibilita dar liberdade ao entrevistador e aos entrevistados para desenvolver cada situação em qualquer direção que considerarem adequadas. Contudo, em nosso estudo, a entrevista foi focalizada por um roteiro de tópicos relativos ao problema que se pretendia estudar, conforme anexo (ANEXO A).

Foi decidido que as entrevistas seriam gravadas, caso houvesse a permissão dos participantes, e que, antecedendo o trabalho de campo, seria realizada uma pré-testagem do roteiro de entrevista com os adolescentes do projeto “Caminhando Juntos” (CAJUN), situado no Território de Saúde do Bonfim/Vitória e freqüentado também por adolescentes de classes populares, com a devida autorização da coordenação local.

O pré-teste teve por objetivo o aprimoramento e o poder para mostrar a validade, servindo para verificar se o roteiro ou entrevista apresentava fidedignidade, garantindo o mesmo resultado a qualquer pessoa que o aplicasse.

Esse instrumento também possibilita demonstrar a validade dos dados recolhidos e se esses são necessários à pesquisa e a operatividade, apresentando um vocabulário acessível e significado claro. Esse é um procedimento também recomendado por Marconi e Lakatos (1996).

Buscando ampliar as possibilidades de compreensão do fenômeno, foi utilizado um diário de campo no qual foram anotadas as impressões do autor, sendo que esse procedimento foi realizado em momento posterior sem a presença do adolescente.

3.4 TRABALHO DE CAMPO

Antes de iniciar o trabalho de campo, pequenos grupos foram formados em alguns dias da semana e em horários que não atrapalhassem as atividades do dia, de forma que fosse possível abordar todos que haviam sido selecionados para uma conversa, explicando do que se tratava a pesquisa e como ela se daria, assim como a entrega e a assinatura do termo de consentimento (ANEXO B).

Portanto, dos vinte selecionados, quinze (oito meninas e sete meninos) realmente participaram da pesquisa, pois quatro meninos não quiseram participar e a participação de uma menina foi dispensada por ter sido alcançado o ponto de redundância das questões abordadas no roteiro de entrevista - critério já explicado, e procedimento também esclarecido à adolescente referida.

As entrevistas foram realizadas com cada adolescente individualmente, sendo que uma lembrança prévia do que seria a pesquisa e de como a mesma se daria era inserida previamente, buscando esclarecer possíveis dúvidas e, com isso, também estabelecer um clima de confiança e tranquilidade. Como forma de garantir o

anonimato dos adolescentes foi escolhido e justificado por cada um deles um codinome animal. Procurou-se manter um ambiente adequado à realização das entrevistas e não foi observado nenhum problema e/ou imprevisto que impedisse a utilização das mesmas no estudo.

3.5 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

De posse das entrevistas gravadas, a pesquisadora iniciou o processo de transcrição das fitas. Foram tomados todos os cuidados para que a transcrição ocorresse de forma fidedigna, sendo redigidos todos os detalhes que nos pareceram importantes além das falas, como risos e momentos de silêncio.

A análise do material foi realizada a partir de uma categorização que consiste, segundo Bardin (1979, p. 117-118), em “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos”. Neste sentido comporta duas etapas: “o inventário: isolar os elementos, e a classificação: repartir os elementos, e, portanto procurar ou impor uma certa organização às mensagens”.

A discussão das categorias foi tratada à luz da teoria das representações sociais, a qual já foi explicitada em capítulo próprio.

3.6 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O presente estudo foi analisado e aprovado no conselho de ética (ANEXO C) e todos os adolescentes e seus representantes legais assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO B), assegurando-os mediante cumprimento das exigências firmadas, obedecendo as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (BRASIL, 1997).

4 ESTUDO EMPÍRICO

4.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS SUJEITOS

Inicialmente serão apresentados os sujeitos que participaram do estudo. Conforme já mencionado, foram entrevistados 15 adolescentes (oito meninas e sete meninos). A maioria tem 16 anos e está cursando o ensino médio.

Estes jovens que estão se qualificando no CESAM inserem-se no mercado de trabalho ocupando cargos e funções, tais como: arquivistas, auxiliares administrativos, recepcionistas, etiquetadores, auxiliares de escritório, exercendo tarefas tais como somar notas fiscais e fazer balanços e serviços de banco, trabalhos que realizam em diversas empresas da Região Metropolitana da Grande Vitória.

A maioria é praticante da religião católica apostólica romana ou evangélica e, como *hobbie* e/ou lazer, disseram ir à praia, ao baile funk, ao shopping, à igreja, parques, academia, jogar bola, fazer esportes, cursos, lutas, jogar vídeo-game, sair com os amigos e ver filmes, entre outras atividades. Referem, ainda, que, pelo fato de trabalharem e estudarem, o tempo para o lazer fica reduzido.

4.2 MUITO PRAZER EM CONHECÊ-LOS...

À guisa de apresentação de cada um dos adolescentes em sua singularidade, proceder-se-á a seguir a denominação dos mesmos, segundo o pseudônimo escolhido e suas características particulares.

- Sujeito 1: **Águia**

Águia tem 16 anos, é do sexo masculino, cursa o ensino médio e trabalha como arquivista.

Escolheu ser esse animal, “sei lá, pra ver as coisas... como está lá de cima, como as coisas estão se acabando, pra ver o que está acontecendo”.

- Sujeito 2: **Tigre**

Tigre tem 15 anos, é do sexo masculino, cursa o ensino médio e trabalha como auxiliar de almoxarifado.

Escolheu ser esse animal “sei lá, porque é um animal forte, grande, sei lá...”.

- Sujeito 3: **Touro**

Touro tem 16 anos, é do sexo masculino, cursa o ensino médio, refere não ter religião e trabalha como arquivista.

Escolheu ser esse animal “porque é forte, sei lá...”.

- Sujeito 4: **Leão**

Leão tem 16 anos, é do sexo masculino, cursa o ensino médio, é da religião evangélica e trabalha como auxiliar administrativo.

Escolheu ser esse animal “porque é um animal feroz... muito ágil... as pessoas têm aquele respeito”.

- Sujeito 5: **Cachorro**

Cachorro tem 16 anos, é do sexo feminino, cursa o ensino médio, é da religião evangélica e trabalha como arquivista.

Escolheu esse animal “porque os cachorros são muito servos... eu gosto... são carinhosos também”.

- Sujeito 6: **Beija-flor**

Beija-flor tem 16 anos, é do sexo feminino, cursa o ensino médio, é da religião católica apostólica romana e trabalha como recepcionista.

Escolheu ser esse animal “porque eles são livres... pode voar pra onde quiser... nas flores mais belas...”.

- Sujeito 7: **Urso**

Urso tem 15 anos, é do sexo feminino, cursa o ensino médio, é da religião evangélica e trabalha como arquivista.

Escolheu ser esse animal “porque, não sei, porque veio na minha cabeça... eu ia falar borboleta, só que borboleta é uma pessoa mais retraída, eu acho que eu não sou desse jeito... um urso, ele é grande, põe medo nas pessoas”.

- Sujeito 8: **Papagaio**

Papagaio tem 16 anos, é do sexo feminino, cursa o ensino médio, é da religião católica apostólica romana e trabalha como auxiliar administrativo.

Escolheu ser esse animal “porque eu falo demais... quando eu começo um assunto, eu quero ir até o final pra pessoa me entender”.

- Sujeito 9: **Gato**

Gato tem 16 anos, é do sexo feminino, cursa o ensino médio, é da religião evangélica e trabalha como auxiliar de farmácia.

Escolheu ser esse animal “porque... apesar de que ele é um bicho muito traiçoeiro... mas, o pelo do gato e os olhos do gato... me chamam bastante atenção”.

- Sujeito 10: **Macaco**

Macaco tem 16 anos, é do sexo masculino, cursa o ensino médio, refere não ter religião e trabalha como auxiliar de farmácia.

Escolheu ser esse animal “porque eu admiro muito um macaco... eles falam que a gente é a evolução deles... que nem o cachorro... ele é esperto, tipo... entender um pouco a gente...”.

- Sujeito 11: **Lagarto**

Lagarto tem 16 anos, é do sexo feminino, cursa o ensino médio, refere ser “católica não praticante” e trabalha como auxiliar numa ótica.

Escolheu ser esse animal “porque tem aquela coisa de camuflar... acho que eu sou meio assim também... eu sou como o ambiente me pede...”.

- Sujeito 12: **Águia**

Águia tem 16 anos, é do sexo feminino, cursa o ensino médio, é da religião evangélica e trabalha como auxiliar administrativa.

Escolheu ser esse animal “porque uma águia é um animal que sofre mutação... não, transformação... a minha vida é meio assim...”.

- Sujeito 13: **Tigre**

Tigre tem 16 anos, é do sexo masculino, cursa o ensino médio, refere não ter religião e trabalha como auxiliar em farmácia.

Escolheu ser esse animal “porque me botaram o apelido de tigrão... ah, um animal forte”.

- Sujeito 14: **Mosquito**

Mosquito tem 16 anos, é do sexo feminino, cursa o ensino médio, é da religião católica apostólica romana e trabalha como auxiliar em banco.

Escolheu ser esse animal “porque o mosquito sempre tá ali... eu sou muito atenta... eu gosto de saber tudo que está ao meu redor... o mosquito é assim, se ele ver que alguma coisa tá ameaçando, ele sai fora”.

Sujeito 15: **Gato**

Gato tem 16 anos, é do sexo masculino, cursa o ensino médio, refere ser “evangélico não praticante” e trabalha como arquivista.

Escolheu ser esse animal “porque tem muita artimanha... difícil de se machucar...”.

Conforme o evidenciado, esses adolescentes – tanto de sexo masculino quanto feminino -, reportam-se como animais do sexo masculino. No entanto, os qualificadores que utilizaram para a descrição dos animais escolhidos foram diferentes, marcando desde já uma leitura de gênero.

De maneira interessante, pudemos perceber que, embora escolhendo os mesmos animais – o gato ou a águia, por exemplo, os qualificadores que justificaram tais escolhas variaram conforme o sexo desses adolescentes.

Os qualificadores dos animais referidos pelo grupo dos meninos reúnem conteúdos que se relacionam às idéias de poder e controle, grandeza e agressividade, contidas nas palavras força, respeito, esperteza, agilidade, entre outras citadas.

No grupo das meninas, as qualidades dos animais por elas atribuídas correspondem a conteúdos mais afetivos e delicados. Palavras como “servos” e “carinhoso” comparecem como ilustração.

4.3 COM A PALAVRA, OS ADOLESCENTES

Como forma de elucidar as opiniões, os valores e as crenças acerca do corpo entre os sujeitos do nosso estudo, apresentaremos as falas ou fragmentos das falas dos mesmos, considerando uma leitura de gênero. Assim, entendemos ser possível conhecer as concepções de meninos e meninas e perceber as diferenças que permeiam as questões das diferenças entre os sexos.

PARA COMEÇO DE CONVERSA... O QUE É UM CORPO BONITO?

Com a palavra, os meninos:

Ao falarem sobre um corpo bonito/legal pertencente ao sexo oposto, sujeitos do sexo masculino se referem a ele com qualificadores puramente físicos, afirmando que o ideal é um corpo magrinho, definido, bem cuidado, normal. Assim, na percepção masculina, para uma garota ser considerada como tendo um corpo bonito/legal, ela tem de ter ou ser, conforme as descrições abaixo:

“Um corpo mais magrinho... definido estilo violão”.
(Águia, sexo masculino, 16 anos)

“Um corpo bem cuidado, malhado”.
(Touro, sexo masculino, 16 anos)

“Sarada... normal, nem tão gorda, nem tão magra”.
(Macaco, sexo masculino, 16 anos)

“Magra,... cabelo liso”.
(Gato, sexo masculino, 16 anos)

Também prevalecem qualificadores físicos, quando os sujeitos masculinos se referem a um corpo bonito/ legal para os meninos, afirmando que esse deve ser definido, forte e malhado, conforme mostram as falas:

“Um corpo definido”. (Águia, sexo masculino, 16 anos)

“... forte, musculoso, músculos tudo certinho, tudo traçadinho”.
(Tigre, sexo masculino, 15 anos)

Com a palavra, as meninas:

Ao idealizarem um corpo masculino bonito ou legal, adolescentes do sexo feminino também valorizaram qualificadores puramente físicos para os mesmos. As falas abaixo o ratificam:

“Um homem perfeito (risos)... um corpo normal... que não é gordo, que não é muito magro, que tem uns musculuzinhos...”.
(Cachorro, sexo feminino, 16 anos)

“Bem estruturado, sem muita barriga”.
(Beija-flor, sexo feminino, 16 anos)

“Cheio de músculos (risos)... malhadão... não bombado...”.
(Papagaio, sexo feminino, 16 anos)

Já na idealização de um corpo feminino bonito ou legal, essas meninas referiram ser aquele que é bem estruturado, com idéia de proporcionalidade e de normalidade. É o que pode ser apreciado nos fragmentos das falas a seguir:

“Bem estruturado, não muita gordura, sem estria, sem celulite... um corpo modelado”. (Beija-flor, sexo feminino, 16 anos)

“Magrinha... não aquelas secas... que tenha cintura, tenha peito”.

(Urso, sexo feminino, 15 anos)

“Uma loira (risos)... corpão... o rosto também lisinho... piercing”.

(Mosquito, sexo feminino, 16 anos)

Verificamos que a grande preocupação de ambos os sexos está em buscar a beleza física. Além disso, de uma forma geral, as expectativas em torno do corpo estão dentro do padrão de beleza ditado pela mídia atual.

O corpo, configurado por novas práticas e técnicas, sofreu modificações simultâneas às ocorridas na sociedade brasileira. Exemplificam-se pelas redefinições de instituições (como o casamento e a família), que, através de um afrouxamento da moral, constituíram novos comportamentos, hábitos e valores - cada vez mais associados à idéia de liberdade (DEL PRIORE, 2005).

A sexualidade passou a ser mais desvelada. O esporte foi indicado para os jovens, afastando-os das precoces aventuras sexuais. Assim, a partir do início do século passado, o corpo ia ficando cada vez mais à vontade com a moda dos esportes e da natação (DEL PRIORE, 2005).

Numa ruptura com o passado, pontua Del Priore (2005), um movimento foi lançado, e é iniciado o que a autora chamou de “uma mística da magreza”, que traz as práticas do regime e da musculação – características incorporadas à mulher moderna. Também nesse momento, começam a trabalhar as mães de família.

As mudanças ocorriam, mas eram mantidos antigos costumes. Nesse cenário, traçavam-se diferenças no que diz respeito ao corpo, possibilitando o reconhecimento, por exemplo, de uma moça dos tempos modernos, que expunha o corpo através das saias curtas e colantes, e de uma mocinha casadoira, a qual teria atributos físicos e gestuais específicos, tais como “um olhar mórbido, capaz de fixar dez rapazes ao mesmo tempo; ‘toda requebros e denguiques’, vestida sempre de um tom vivo, com gestos lânguidos [...]” (DEL PRIORE, 2005, p.252).

Com a ascensão da classe média e a popularização de expressivos meios formadores de opiniões - como filmes e revistas, modelava-se a vida das pessoas e eram instituídos padrões de beleza e costumes, além do que correspondia aos papéis masculinos e femininos.

Assim, havia a “moça de família”, “boa esposa”, “mulher ideal”, e, em contrapartida, o “bom rapaz”, “bom caráter, correto e respeitador”. Elas, recatadas, virgens, cuidando de sua boa aparência, mas sem provocar ciúmes no marido. Quanto a eles, jamais deveriam passar dos limites da decência, mas, se os ultrapassem, estavam perdoados, pois, afinal, era a “natureza do homem” preponderando (DEL PRIORE, 2005).

A partir do final da década de 50, no caminho da emancipação, tendo evoluído a ciência e as tecnologias modernas, cessou a valorização burguesa da virgindade e se normalizou o direito ao prazer sexual – duas de uma série de conquistas relativas à mulher, que até então permanecia fortemente à sombra de uma sociedade patriarcal e machista (DEL PRIORE, 2005).

Importante ressaltar que, nesse mesmo contexto, as mudanças não eram as mesmas para as camadas menos favorecidas da população, que, com regras próprias de organização, mais flexíveis, possuíam uma cultura que muitas vezes se chocava com a das camadas dominantes (DEL PRIORE, 2005).

Na avaliação de Castro (2004), a “revolução sexual” pela difusão da pílula anticoncepcional, assim como o movimento feminista e o “hippismo”, contribuiu para colocar o corpo em cena como signo de transgressão nos anos sessenta.

Já na década de oitenta, houve uma proliferação das academias de ginástica, tornando mais cotidianas e regulares as práticas físicas. Sob a aparente libertação física e sexual, pregou-se a conformidade a um determinado padrão estético - que pode ser lido como a mais nova moral - e é convencionalmente chamado de “boa forma” (GOLDENBERG; RAMOS, 2004).

Novas técnicas e práticas que remetem ao ambiente urbano são assumidas, e uma postura de jovialidade e modernidade é expressa sob a voga de ser desportista, vestir-se e saber dançar os ritmos do momento. Os costumes mudaram e os corpos passaram a ser mais expostos, tendências associadas à difusão de práticas esportivas e à ousadia da moda que evidenciavam as formas (CASTRO, 2004).

Assim, as demarcações de um corpo bonito aqui trazidas pelos adolescentes de ambos os sexos traduzem as insígnias do novo tempo: corpos fortes, musculosos, torneados, perfeitos, “traçados” por uma nova ordem que se instaurou e que ganha destaque neste início do século XXI.

TER (OU NÃO TER) UM CORPO LEGAL: EIS A QUESTÃO

Com a palavra, os meninos:

Adolescentes de sexo masculino apontaram como portadores de um corpo legal para os sujeitos do mesmo sexo pessoas do próprio convívio ou mesmo artistas de projeção atual na mídia. Pouco freqüentemente, no entanto, referiram-se a si mesmos. Ao que parece, a idealização de um corpo legal, para adolescentes de sexo masculino, é uma questão de alteridade. Seguem os fragmentos de fala abaixo como ilustração:

“Meu tio... corpo definido, malhado”.

(Águia, sexo masculino, 16 anos)

“Primo meu... malha há bastante tempo...”.

(Leão, 16 anos)

“Talvez Popó... tem músculo, tudo certinho...”.

(Tigre, 15 anos)

“Alexandre Frota... ele é forte...”.

(Macaco, 16 anos).

Ao elaborarem uma representação de pessoas de corpo bonito para as pessoas do sexo oposto, os adolescentes do sexo masculino mantiveram o mesmo padrão anteriormente citado. Às vezes, as pessoas eram suas próprias colegas. Em outras, as referências se dirigiram a personalidades do mundo artístico ou da moda:

“Uma colega minha...”.

(Touro, sexo masculino, 16 anos)

“Minha namorada...”.

(Tigre, sexo masculino, 16 anos)

“Aqueles mulher do ‘é o Tchan’... Juliana Paes tem um corpão também”. (Tigre, sexo masculino, 15 anos)

“Gisele Budchen, ela é magrinha, mas o corpo dela é definido...”.

(Macaco, 16 anos)

Com a palavra, as meninas:

Da mesma forma, os sujeitos do sexo feminino também apontaram como referências femininas de corpo bonito ou legal pessoas próximas ou celebridades festejadas atualmente na mídia. É o que atestam os fragmentos de fala apresentados abaixo:

“Menina daqui do CESAM... ela tem o cabelo grande... tem um corpo normal”. (Cachorro, sexo feminino, 16 anos)

“Carla Perez... ela tem uma cintura fina, as coxas grossas, ela é toda proporcional...”. (Papagaio, sexo feminino, 16 anos)

Buscando representar um corpo bonito ou legal para pessoas do sexo oposto, as referências também recaíram sobre pessoas do seu círculo ou celebridades:

“Meu vizinho... ele é musculoso, mas não aquela coisa feia, ele tem pouco músculo...”. (Águia, sexo feminino, 16 anos)

“Meu cunhado, o corpo dele é magro, bem estruturado, não tem nenhuma gordura... o corpo dele é normal... aí fica perfeito, fica bonito”. (Beija-flor, sexo feminino, 16 anos)

“Reinaldo Gianechini... ele tem o peitoral definido, tem o sorriso bonito, uma boa aparência”. (Mosquito, sexo feminino, 16 anos)

Para os adolescentes de ambos os sexos, prevaleceu sempre a idéia de que quem tem um corpo legal é o outro – amigos, parentes ou uma celebridade -, e nunca eles mesmos. Além disso, as características ressaltadas sobre esse corpo correspondem aos padrões estabelecidos atualmente pela sociedade.

Rolnick (1994), ao tecer considerações sobre a alteridade - a existência do outro, refere ser esta a concepção de outro: "tudo aquilo (humano ou não, unitário ou múltiplo) exterior a um eu" (p.160). Considera, assim, a existência de uma relação entre um eu e um ou vários outros que se dá num plano visível, captável pela percepção; e uma outra dimensão invisível da alteridade, na qual comparecem conexões e somas, esboçando outras composições, desestabilizando-nos e gerando em nós estados inéditos, que extrapolam nossa identidade – esta unidade provisória onde nos reconhecemos.

Dessa forma, a alteridade opera mudanças significativas no próprio modo de subjetivação, em que essa diz respeito a uma abertura que depende de suportarmos o caos, referente a um permanente devir-outro, no qual mudam os contornos do campo em que nos reconhecemos (ROLNIK, 1994).

Verificamos que o outro comparece na fala dos adolescentes como sendo este algo que está fora, mas também dentro, tendo em vista a "turbulência" e a transformação por ele provocadas, que tumultuam o próprio corpo destes.

No entanto, o ideal de corpo aclamado por esses adolescentes e ditado pela sociedade parece vir desmoronar um modo de subjetivação. Esse ideal pode estar representando uma "cortina de ferro que delimita um suposto espaço de nossa suposta unidade, escudo racista contra a alteridade" (ROLNIK, p.174, 1994).

Na construção de um mundo imaginário, assistimos o desenvolvimento do cinema, da televisão, e a explosão publicitária do pós-guerra, os quais serviram para que os profissionais vendessem suas imagens e produtos (CASTRO 2004).

Assim, um modelo de beleza passou a ser veiculado pela mídia, detentora de um papel fundamental na construção de um corpo ideal ou padrão. Nesse processo, a mídia também elege pessoas, criando verdadeiros mitos, que servirão de referência para perpetuar esse padrão, o corpo perfeito.

Em estudo cujo objetivo é conhecer e analisar os aspectos do corpo mais valorizados e importantes para os adolescentes verificou-se que o corpo perfeito foi representado pelos mesmos, com figuras de ídolos da música, atrizes das novelas e craques do esporte, considerados ideais de beleza pelos adolescentes. Esse fato apontou para a questão da influência de padrões de beleza ditados pela mídia e de estereótipos de perfeição física que o adolescente busca para si (CANO et al., 1999).

Assim, nesse processo de idealização e permanente insatisfação, podemos destacar o que se refere ao desenvolvimento de uma sociedade de consumo, na qual, bem distante de poder ser alcançado, esse outro idealizado é garantido, sendo o combustível para continuar se desejando o que não se tem. Há uma oferta e uma demanda - e já não se tem tão claro quem cria quem.

Ainda nesse contexto, Santaella (2004) refere que as diversas formas de comunicação de massa têm trabalhado no sentido de “modelar” não só os corpos, mas principalmente as mentes das pessoas, a fim de garantir a obediência dessas e o contínuo consumo das práticas, técnicas e objetos corporais com promessas infundáveis de alcance da felicidade.

A AUTO-IMAGEM DO ADOLESCENTE: ESPELHO, ESPELHO MEU...

Auto-imagem masculina:

Os sujeitos do sexo masculino revelaram querer mudanças no corpo. Observa-se, no entanto, que, entre os mesmos, muitos se sentem magros, desejando obter mais massa muscular. Esses adolescentes referem querer ficar mais fortes, ter um corpo mais traçado e mais definido. As falas apresentadas a seguir o demonstram.

“Eu queria ficar mais forte... mais massa muscular, um corpo mais cheio, mais traçado... eu me acho bem magro”.

(Tigre, sexo masculino, 15 anos)

“Pretendo fazer academia pra pegar massa muscular.”

(Leão, sexo masculino, 16 anos)

“Sou magro, meu corpo não é definido...”.

(Macaco, sexo masculino, 16 anos)

Ainda dentro desse contexto, aparece o adolescente que se acha gordo, que também se queixa de não ter o corpo definido:

“Não gosto muito dele não... sou gordo, não tenho o corpo definido”.

(águia, sexo masculino, 16 anos)

A satisfação com sua auto-imagem é um discurso que também comparece.

“... Acho meu corpo bonito pros padrões que pedem hoje”.

(touro, sexo masculino, 16 anos)

“Meu corpo é perfeito pra mim. Eu não engordo, não emagreço, não saio dos sessenta quilos”.

(Tigre, sexo masculino, 16 anos)

Apesar do desejo de modificar o corpo, quando questionados se gostam dele, os adolescentes do sexo masculino disseram gostar, fato que é atestado nas falas abaixo:

“Gosto”. (Touro, sexo masculino, 16 anos)

“Gosto do meu corpo, mas acho que ele seria melhor se fosse mais cheio”.

(Tigre, sexo masculino, 15 anos)

Ainda no que concerne à auto-imagem, buscando conhecer as partes do corpo que esses adolescentes mais gostam, sujeitos do sexo masculino citaram diferentes partes, como demonstram os fragmentos das falas abaixo.

“O rosto”.
(Águia, sexo masculino, 16 anos)

“O braço”.
(Tigre, sexo masculino, 15 anos)

“Do meu peito”.
(Touro, sexo masculino, 16 anos)

“Os braços, as coxas, a barriga... rosto”.
(Tigre, sexo masculino, 16 anos)

Abordados sobre o que gostariam de mudar no corpo, os sujeitos do sexo masculino destacaram o desejo de ficar mais forte. O fato pode ser explicado pela associação entre força e masculinidade, predominantes na nossa sociedade.

“Ficar mais forte... um corpo mais cheio, mais traçado”.
(tigre, sexo masculino, 15 anos)

“... pegar um pouco mais de peso”.
(Gato, sexo masculino, 16 anos)

Auto-imagem feminina:

Ao falarem sobre seu próprio corpo, adolescentes do sexo feminino demonstraram insatisfação com o mesmo, desejando modificá-los, sendo que as características destas mudanças demonstram associação com o padrão de corpo ideal já citado. Seguem as falas para ilustração.

“Eu não acho o meu corpo bonito... eu tenho muita estria... muita gordurinha aqui do lado...”.
(Beija-flor, sexo feminino, 16 anos)

“Eu acho assim... o meu corpo legal, mas eu queria emagrecer um pouquinho mais”.
(Urso, sexo feminino, 15 anos)

“Se eu pudesse, eu queria ganhar mais peito e perder barriga”.
(Águia, sexo feminino, 16 anos)

Ao serem questionadas se gostavam do próprio corpo, algumas adolescentes do sexo feminino reafirmaram a insatisfação com o mesmo. As falas descritas abaixo demonstram isto:

“Não, eu não acho o meu corpo bonito”.

(Beija-flor, sexo feminino, 16 anos)

“Eu não to satisfeita com ele não”.

(Lagarto, sexo feminino, 16 anos)

Outras, no entanto, estão em harmonia com a sua imagem corporal:

“Ah... eu acho assim... o meu corpo legal”.

(Urso, sexo feminino, 15 anos)

“Eu gosto do meu corpo”.

(Cachorro, sexo feminino, 16 anos)

Questionadas sobre as partes do corpo de que mais gostam, os sujeitos do sexo feminino citaram várias. No entanto, foi percebida a ênfase dada às partes superiores do corpo, como cabeça, rosto e olhos, conforme as citações abaixo. Houve também referências a outras partes.

“O cabelo”.

(Cachorro, sexo feminino, 16 anos)

“O meu rosto...”.

(Beija-flor, sexo feminino, 16 anos)

“Minha barriga... é lisa, é reta”.

(Gato, sexo feminino, 16 anos)

“A minha pele... os meus seios... das minhas

pernas...”. (Papagaio, sexo feminino, 16 anos)

Em relação às modificações que desejariam realizar em si mesmas, as adolescentes do sexo feminino apontaram áreas do corpo que desejam modificar que parecem considerar o padrão de estética ditado pela sociedade.

“Perder um pouco de barriga e de coxa também”.

(Beija-flor, sexo feminino, 16 anos)

“Meu cabelo (risos)... que ele fosse um pouco mais liso”.

(Urso, sexo feminino, 15 anos)

“... Queria pernas grossas... braços... grosso

também”. (Gato, sexo feminino, 16 anos)

A insatisfação com o corpo foi percebida por adolescentes de ambos os sexos, no entanto, o fato sobressaiu em adolescentes do sexo feminino.

Assim como nos meninos, o crescimento corporal das meninas pode estar interferindo na auto-imagem dessas adolescentes, pois, vale lembrar, há um desarranjo na velocidade de crescimento das diferentes partes do corpo neste período. As intensas transformações físicas que exigem sucessivas reconstruções e reformulações da imagem do próprio corpo podem, nesse processo, gerar

insatisfações com a imagem corporal dos adolescentes de ambos os sexos (TIBA, 1986).

Considerando atualmente a ocorrência de uma série de distúrbios nutricionais, caracterizados tanto pelo excesso quanto pelo déficit nutricional nos adolescentes, Conti et al. (2005) objetivaram conhecer a associação entre excesso de peso e insatisfação corporal dos adolescentes de uma instituição da rede particular de ensino fundamental de Santo André (SP).

Demonstraram na pesquisa que meninas com excesso de peso revelaram maior insatisfação, quando comparadas aos seus pares e aos meninos. Analisaram que na cultura ocidental é percebida uma proposta de estereótipos que costumam estar associados ao sucesso, poder, desempenho sexual e plena aceitação social, e que, para a mulher, ser magra simboliza competência, sucesso, controle e atrativos sexuais. Dessa forma, o excesso de peso oferece uma conotação pejorativa, principalmente para as adolescentes, sendo possivelmente uns dos fatores explicativos para a insatisfação feminina.

Também verificaram atitudes infundamentadas que objetivavam o emagrecimento em casos onde o sobrepeso não é significativo, apontando para o efeito negativo da cultura e dos avanços tecnológicos ocidentais, juntamente com a pressão da mídia. Destaca-se o efeito provocado pela comparação entre atrativos físicos das meninas e os de modelos dos anúncios das campanhas publicitárias veiculadas (CONTI et al., 2005).

Considerando que o adolescente toma o corpo como pano de fundo na busca de uma identidade, Cano et al. (1999) buscaram conhecer e analisar os aspectos do corpo mais valorizados e importantes para os mesmos. Verificaram, então, que os jovens que participaram do estudo, na idade entre 14 a 16 anos, tinham grande preocupação em buscar a beleza física, representada principalmente pelo rosto, cabelos e olhos, estando os meninos atentos às nádegas femininas e, as meninas, aos músculos masculinos. Concluiu-se que essas expectativas estão dentro do padrão de beleza ditado pela mídia.

Destacam, também, que a cabeça foi a parte do corpo mais apontada, e explicaram que o fato é compreensível, visto que esta fase da vida pode ser complicada para o rosto e os cabelos de um adolescente.

Referem que no rosto um dos maiores problemas é a acne, a qual aparece devido à mudança do nível hormonal, estimulando as glândulas sebáceas a produzirem uma quantidade excessiva de substância oleosa. As glândulas estão em maior quantidade nessa região e fazem com que a face e os cabelos estejam sempre com maior oleosidade (CANO et al., 1999).

Os autores (op. cit) referem também a existência de um estímulo de uma vivência sexual para um jovem e uma preocupação com seu desempenho. Para ele, que possui o corpo em intensa transformação e transborda de dúvidas, há demarcação de papéis sexuais diversos: as meninas buscam preservar o corpo até encontrarem o parceiro ideal, e os meninos buscam avançar no relacionamento íntimo até onde for possível.

A preocupação com a beleza física, demonstrada tanto pelos adolescentes do sexo masculino como do feminino, revelaram, entre outras coisas, uma erotização do corpo, que ressalta a onda de genitalização acontecendo particularmente na mídia (CANO et al., 1999),

O PRÓPRIO CORPO EM QUESTÃO

Com a palavra, os meninos:

Como causas do próprio corpo ser como é, nos sujeitos do sexo masculino, ficou evidente às relacionadas à genética, ou a uma “tendência familiar”, como também no que diz respeito ao cuidado e disciplina com o corpo. Com fim ilustrativo, seguem as falas abaixo.

“Toda a minha família é magrinha mesmo... acho que é genética”.

(Tigre, sexo masculino, 15 anos)

“Porque eu não cuidava dele...comer demais, não fazer exercício físico”.

(Águia, sexo masculino, 16 anos)

“Porque eu me preocupo em cuidar do meu corpo... faço academia, não sou desleixado, faço uma alimentação legal”.

(Touro, sexo masculino, 16 anos)

Com a palavra, as meninas:

Da mesma forma, para as adolescentes do sexo feminino sobressaíram os aspectos relativos a uma “tendência familiar” e ao trato com o corpo.

“Talvez seja de família... na minha família não tem ninguém gordo... é todo mundo magrinho”.

(Cachorro, sexo feminino, 16 anos)

“... uma parte é mesmo relaxo... exagerei nas doses de comida... aí fiquei assim... com esse corpo”.

(Beija-flor, sexo feminino, 16 anos)

“... talvez por falta de exercício... eu não tenho pratica de exercício”.

(Águia, sexo feminino, 16 anos)

Considerando o que Menandro (2004) referiu sobre as representações sociais, entendemos que o conhecimento desses adolescentes sobre o corpo é construído pelo conjunto social no qual esse segmento de indivíduos se insere, a partir de nossos saberes cotidianos compartilhados, que são também formados pelo conjunto de conhecimentos científicos produzidos sobre esse objeto social pelas diferentes áreas que por ele se interessam.

Assim, quando os adolescentes de ambos os sexos apontaram a família - aspectos biológicos e genéticos, parece haver correspondência com o que é freqüentemente abordado pela área médica, que indica esses fatores como constituintes do corpo.

Ao falarem sobre o descuido com o corpo - citando a dificuldade em fazer exercícios físicos ou o fato de comerem exageradamente, os adolescentes trazem à tona a questão do estilo de vida, os fatores psicológicos, socioeconômicos, políticos e culturais, os quais já foram abordados no presente estudo, demonstrando a relação desses com o corpo.

Percebe-se, no entanto, que esses outros condicionantes determinantes na constituição do corpo não foram pronunciados com clareza nas falas dos adolescentes. A nebulosidade de suas falas é um indicador sobre a necessidade de reflexões e debates que propiciem uma melhor compreensão sobre a importância da influência desses fatores.

VALE QUANTO PESA....

O desejo de possuir um corpo “normal” foi revelado tanto pelas meninas quanto pelos meninos, pois, segundo suas crenças, ter um corpo nesse padrão ajudaria a obter sucesso na vida.

Com a palavra, os meninos:

Para os sujeitos do sexo masculino, o corpo no aspecto funcional, “um corpo que agüente”, foi destacado, associado à questão do trabalho. A questão estética também compareceu:

“... pra alguma atividade mais forçada, precisa de um corpo definido, um corpo que agüente”. (Águia, sexo masculino, 16 anos)

“Ajuda... você vai querer dar prioridade pras pessoas mais bonitas”.
(Touro, sexo masculino, 16 anos)

“... a pessoa precisa de força, força física... se ela não tiver, não adianta nada né... beleza também é fundamental”.
(Leão, sexo masculino, 16 anos)

Quanto às conseqüências de não ter o corpo ideal, adolescentes do sexo masculino apontaram situações como: exclusão, doenças, infelicidade e, até, morte.

“Doenças... não aproveita muito a vida”.
(águia, sexo masculino, 16 anos)

“Fica meio excluída... você não vai chegar nela... ela também se cobra... pô, não vou chegar porque não to legal assim”.
(touro, sexo masculino, 16 anos)

“... ela poderia ser uma pessoa meio deprimida... além de não ter força para trabalhar, pra praticar esporte, nem a beleza fundamental...”.
(Leão, sexo masculino, 16 anos)

“Muita gente tentando ter esse corpo perfeito, acaba se dando mal. tomando anabolizante... acaba morrendo... o gordinho que quer emagrecer rápido toma um monte de remédio... aí alguns se dão mal né.”
(Gato, sexo masculino, 16 anos)

Com a palavra, as meninas:

Sujeitos do sexo feminino relataram que, algumas vezes, depende da profissão exercida, mas existe na sociedade uma concepção forte de que corpo e beleza estão associados ao sucesso no trabalho e na vida de um modo geral.

“Às vezes... igual no mundo da fama... você não vê uma pessoa feia... eles olham muito pra beleza”.

(Cachorro, sexo feminino, 16 anos)

“... se você for muito obesa... se eles pedir alguma coisa, aí fala, ah, porque ela não vai agüentar... se for magro demais, não faz isso porque não vai ficar adequado pra você”.

(Beija-flor, sexo feminino, 16 anos)

Em relação às conseqüências de não ter o corpo ideal, nos trechos abaixo, referentes às falas dos sujeitos do sexo feminino, apareceram situações como: exclusão, desvalorização, doenças e infelicidade.

“Racismo... não conseguir ninguém pra namorar”.

(Cachorro, sexo feminino, 16 anos)

“Ser desvalorizada por onde você passar... receber piadinha de mau gosto, ter menos preferência no emprego, dificuldade de arrumar um namorado.”
(Papagaio, feminino, 16 anos)

“Depressão, bulimia”. (Mosquito, sexo feminino, 16 anos)

“A pessoa se reprime um pouco... ela fica se comparando a outra pessoa que tem o corpo legal... ela não vai ser muito feliz não...” . (Lagarto, sexo feminino, 16 anos)

Segundo considerou Boltanski (1989), há um esforço das pessoas das classes menos favorecidas para obter imagem semelhante à das classes ditas superiores, ainda que tal represente dificuldades para eles em aspectos econômicos, de tempo, etc., visto que a posse desse corpo marca um lugar privilegiado na sociedade.

Esse modelo de corpo idealizado, veiculado especialmente pelos meios de comunicação, é geralmente direcionado às classes economicamente mais favorecidas, representando um sinal de *status*, e marcando o lugar do indivíduo na hierarquia de classes (BOLTANSKI, 1989).

Nesse sentido, “a beleza põe mesa”, e, na corrida pelo corpo belo e simétrico, vale praticamente tudo, desde as estratégias menos complexas até aos excessos como as cirurgias reparadoras, uso de anabolizantes, dentre tantas outras que vêm sendo utilizadas para a obtenção de um corpo esculpido e dentro dos padrões ditados em nossa sociedade.

No que diz respeito a essas estratégias, é importante ressaltar que no Brasil é cada vez mais comum o desenvolvimento de problemas relacionados às tentativas de obtenção de um corpo magro, mesmo em condições em que inexistente a necessidade de perda de peso, seja do ponto de vista da saúde ou da estética. Os distúrbios nutricionais, caracterizados tanto pelo excesso quanto pelo déficit nutricional, aparecem com maior frequência entre os adolescentes (CONTI et al., 2005). Bulimia, anorexia, vigorexia (compulsão por corpo cada vez mais musculoso), diagnosticados como distúrbios psiquiátricos, são cada vez mais comuns nesse grupo.

Em contrapartida à ditadura do corpo magro e belo, Pinheiro et al. (2004) apresentam dados recentes que comprovam um aumento da prevalência de obesidade no Brasil, considerando, entre alguns de seus determinantes, a expansão no consumo de alimentos ricos em gorduras, assim como um estilo de vida mais sedentário, estimulado pelos avanços tecnológicos.

Ades e Kerbauy (2002) acrescentam à análise que o problema de excesso de peso não se restringe às mulheres ou à população adulta, sendo verificado o sobrepeso ou obesidade, cada vez mais, entre crianças e adolescentes.

A obesidade na adolescência pode ocasionar, dentre outras conseqüências, a grande probabilidade de se tornar um adulto obeso e de desenvolver doenças, como hipertensão arterial, problemas respiratórios, musculares, baixa auto-estima, dificuldade de relacionamento entre os pares e piora da qualidade de vida (CONTI et al., 2005). Em estudo recente, Ferriani et al. (2005) verificaram que, quando se trata de adolescentes obesos, essa imposição social do corpo magro e perfeito ocasiona insatisfação corporal, sentimentos de angústia, vergonha e rejeição ao próprio corpo.

Numa leitura de gênero, Conti et al. (2005) observaram que, diante das influências socioculturais, os meninos são estimulados a praticarem atividades esportivas, enquanto as meninas, a praticarem atividades que impliquem na perda de peso.

Diante disso, consideram que os meninos estão sendo protegidos, uma vez estimulados a praticar atividades que desenvolvem outras competências, como as afetivo-cognitivas e sociais. Semelhante situação não ocorre com as meninas, que são estimuladas a praticar atividades individuais, com enfoque no caráter estético.

Atualmente, alguns profissionais de saúde referem que, dentre outros fatores, a erotização e o “bombardeio” de imagens sexuais ao qual as garotas estão expostas, por meio da mídia, podem influir em uma adolescência precoce, na qual, aos oito anos de idade, essas já não se vêem mais como crianças (FELIZ, 2006). Consideram também que o consumismo está levando à adultização precoce das garotas, pois, guiadas pelo modismo, fazem com que as mesmas entrem no mundo adulto mais cedo.

O universo *teen*, como é chamado pelo mundo da moda, ao se referirem aos adolescentes, é considerado um dos mercados mais cobiçados do momento. O perfil desses jovens, já bem demarcado, demonstra que os mesmos são “independentes, antenados e vaidosos” (p.1), estão interessados em consumir modernidade e, cada vez mais, “livres” para escolherem o que querem ou não ter e usar (TEEN fashion mostra a moda que o jovem quer, 2006).

Ainda nesse contexto, Meneguete (2006) considera que, caracterizadas a tribo e a camada social às quais o adolescente pertence, fica mais fácil entender o gosto pela moda e os gastos com ela. Refere que profissionais da moda consideram que, quanto maior o poder aquisitivo do jovem, mais preocupado ele será em seguir a moda e comprar grifes caras, visto que, para eles, a roupa é uma forma de ascensão social, um meio de se destacar e fazer parte de certo grupo de amigos. A moda, em suma, possibilita respaldo para se manifestarem e construírem uma identidade visual.

Veículos de comunicação apontam também para o crescimento da indústria de cosméticos e, segundo Dweck, professora de Economia da Universidade Federal Fluminense, o negócio da beleza “cresce em ritmo chinês”. Refere que a beleza foi um fator discriminador no mercado de trabalho, principalmente na década de 80, quando foi provado que as pessoas com boa aparência ganhavam até 15% mais, assinalando que a situação não é muito diferente hoje (GARCIA, 2006).

Ao refletir sobre o impacto da globalização na cultura alimentar, Garcia (2003) destacou a emergência de uma sociedade global, onde processos globais transcendem os grupos, as classes sociais e as nações, referindo-se à desterritorialidade característica de tal sociedade ao deslocar coisas, indivíduos e idéias. Seguindo a lógica que a autora aponta, podemos refletir sobre a imposição de valores relacionados aos alimentos, à saúde, e no que tange ao presente estudo, ao corpo, e a um padrão de beleza idealizado.

Sobre esse aspecto, a autora considera que, quanto mais afluyente se torna uma sociedade, maiores necessidades vão sendo criadas pelo mesmo processo em que

são satisfeitas, e destaca o poder da publicidade ou do marketing na criação das mesmas (GARCIA, 2003).

Ainda no que concerne sobre as possíveis conseqüências da globalização, destaca-se uma homogeneização das culturas e identidades. Sobre esse assunto, Hall (2002) - uma das figuras mais importantes da área de estudos sociais - considera que há de se ponderar quando se aborda a questão da homogeneização das identidades provocadas pelo impacto da globalização.

Refere que o efeito pluralizador da globalização está em toda parte, incluindo o ocidente e a “periferia”, embora num ritmo mais lento e desigual, e que “as pessoas mais pobres do globo, em grande número, acabam por acreditar na ‘mensagem’ do consumismo global e se mudam para os locais de onde vêm os ‘bens’ e onde as chances de sobrevivência são maiores” (HALL, 2002, p.81).

No entanto, esse autor considera que, no lugar de pensar na ameaça da globalização destruindo as identidades nacionais, no global “substituindo” o local, seria mais acurado pensar numa nova articulação entre “o global” e “o local”, produtora de novas identificações “globais” e novas identificações “locais”. Tal articulação contestaria e deslocaria as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional, possibilitando novas posições de identificação, mais plurais e diversas, menos fixas e unificadas.

Nesse sentido, esse efeito globalizador obriga as pessoas a negociarem com as novas culturas em que vivem, sem que percam completamente suas identidades, pois elas “carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas” (HALL, 2002, p.89).

Goldenberg e Ramos (2001), considerando o contexto social e histórico atual particularmente instável e mutante, referem que os meios tradicionais de produção de identidade, como a família, a religião, a política, o trabalho, dentre outros, encontram-se enfraquecidos. Nesse sentido, é possível imaginar que muitos indivíduos ou grupos estejam se apropriando do corpo como um meio de expressão (ou representação) do eu.

Esse fato, segundo os autores (op.cit), pode ser percebido no número cada vez maior de pessoas em busca de uma aparência idealizada, as quais utilizam técnicas, legitimadas pelo saber científico de especialistas, como as já banalizadas operações plásticas no nariz, *lifting*, implante de próteses de silicone e lipoaspiração.

Existem, também, os que cultuam o bizarro. Talvez numa tentativa de protesto à imagem idealizada, essas pessoas aplicam várias modificações no corpo, como *piercings*, ou tatuagens excessivas. Mesmo assim, verificamos que essas práticas são com muita rapidez incorporadas ao mercado, diluindo o que poderia ser chamado de uma contra-cultura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, ao investigar as representações sobre o corpo, e, mais especificamente, sobre a estética corporal entre os adolescentes de classes populares, verificou que tanto para os sujeitos do sexo feminino e masculino surgiram idéias voltadas para a normalidade e perfeição.

Para os meninos, um corpo musculoso e forte foi destacado e, para as meninas, detalhes como cabelo, cor da pele e até acessórios da moda foram citados. Observa-se que essas qualificações referentes à estética corporal são as mesmas ditadas pela nossa sociedade. Nessa, a mídia tem um papel particularmente importante, veiculando idéias de interesse de mercado, caracterizando o mundo ocidental de economia capitalista.

Comportando muitas significações, o corpo é, conseqüentemente, para os sujeitos estudados, objeto de desconhecimento, e por isso pode causar nos mesmos um certo estranhamento. Ao mesmo tempo, parece ser familiar a esses, pois o habitam e o conhecem intimamente.

Pelo fato de o corpo ser familiar, pode-se falar, emitir opiniões e valores e teorizar sobre o mesmo. Assim, as teorias emitidas pelos adolescentes deste estudo abordam as várias significações ou mensagens que lhe são transmitidas sobre o corpo, como também uma vivência particular desses sobre este processo.

Podemos dizer que as representações sobre o corpo, aqui apresentadas, enunciam o fenômeno das representações sociais ou saberes sociais, e esse saber diz respeito a uma construção de uma significação simbólica, na qual os sujeitos sociais empenham-se em entender e dar sentido ao mundo.

Trata-se da relação que constitui o indivíduo e a sociedade e de uma construção social, em que os saberes sobre si, sobre os outros e as coisas do mundo são forjados de acordo com os critérios e modalidades fixados por uma sociedade e por ela transmitidos e compartilhados pelos grupos sociais.

Nas falas dos adolescentes de ambos os sexos, a atenção e preocupação com a estética corporal revelou, entre outras coisas, que o fato de pertencerem a uma classe socioeconômica menos favorecida não foi significativo a ponto de não desejarem ou estarem menos interessados em alcançar o padrão de beleza hegemônico.

No entanto, na busca para alcançar esse padrão, esses adolescentes evidenciaram algumas dificuldades peculiares, no que diz respeito, principalmente, ao tempo para cuidarem do corpo, visto que, além de estudarem, também trabalham.

Apesar de não terem citado, acreditamos que também não seja fácil para os adolescentes alcançar esse modelo de corpo, uma vez que os mesmos detêm um poder aquisitivo menor para o acesso aos produtos e serviços destinados à construção desse corpo idealizado.

O efeito pluralizador da globalização em geral colocado para o mundo desloca, contesta, e, nesse processo, possibilita novos modos de ser e estar. Entretanto, paradoxalmente, percebemos o trabalho das mídias, as quais tentam preservar a crença das ilusões, como, por exemplo, a do corpo ideal a ser atingido que cumpre a promessa de uma felicidade absoluta.

Há uma moral que vigora nesse mundo sem muros, no qual o mercado flui numa velocidade imensa. O ideal é o objeto de consumo, que, com seu apelo de satisfação imediata, não deixa muito espaço para o pensamento e a reflexão, e, de certa forma, aliena as pessoas.

A idéia de melhorar a qualidade da existência individual e coletiva implica em reconhecer a necessidade de um trabalho no campo da subjetividade, pois parece haver uma crise que pode ter relação com o desmoronamento de um modo de subjetivação, que diz respeito a uma liberdade de tomar decisões a favor das diferenças.

Trata-se de um desafio, pois a diferença desestrutura e desconstrói, causando espanto e medo. Contudo, ao mesmo tempo, é essa diferença que nos permite uma ética guiadora de nossas escolhas em relação ao que favorece e ao que não favorece a vida.

Assim, nesse contexto, instala-se um campo de força e tensão, e, nesse cenário paradoxal, encontram-se os adolescentes, os quais, no presente estudo, demonstraram estar atravessados pelas novas práticas corporais vigentes.

O estigma social, que dita um corpo magro e simétrico como sendo o padrão de beleza, faz com que os adolescentes busquem para si esse estereótipo considerado perfeito, podendo, a partir disso, serem gerados problemas relacionados à imagem corporal. As novas práticas e tecnologias são mais que bem vindas. No entanto, os exageros e excessos daí provenientes é que são preocupantes e merecem atenção.

A abordagem utilizada neste estudo, a qual privilegia a subjetividade, proporcionou emergir conteúdos que mostram o corpo como uma entidade, formada por um conjunto de representações, sendo uma unidade constituída por uma associação entre símbolos e imagens, que se transformou atualmente no mais belo objeto de consumo.

A complexidade do corpo demonstra ser um campo fértil para a compreensão dos fenômenos relacionados ao mesmo. Assim, a presente pesquisa fornece subsídios para a ampliação do conhecimento e a atuação na área da saúde, transcendendo seu aspecto exclusivamente biológico, possibilitando a realização de um trabalho mais eficaz com os adolescentes do CESAM e com os jovens que vivenciam realidades semelhantes.

A área da saúde, como outras áreas do conhecimento, ainda vem tratando a adolescência sob o aspecto generalizante do termo, principalmente no que se refere à extensão universal do conceito aos mundos feminino e masculino. É pertinente, portanto, trazer à tona essa discussão, visto que a expansão do conceito poderá contribuir para uma assistência mais adequada a esse grupo.

Importante lembrar que os dados produzidos neste trabalho dizem respeito a um grupo de adolescentes de classes populares, ligados à instituição CESAM, referindo-se, portanto, a um resultado singular, que não pode ser generalizado.

Questões relacionadas à imagem corporal e adolescência, embasadas em um contexto socioeconômico e cultural, foram tratadas nesta pesquisa, contribuindo para a reflexão e discussão nas diversas áreas de atuação dos diferentes profissionais que lidam com essas temáticas.

6 REFERÊNCIAS

- 1 ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- 2 ABERASTURY, A. **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 6. ed., 1990.
- 3 ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 3. ed., 1984.
- 4 ADES, L.; KERBAUY, R. R. Obesidade: Realidades e indagações. **Psicol. USP**, v.13, n.1, São Paulo, 2002.
- 5 ALVES, A J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cad. Pesq.** São Paulo, v.77, p.53-61, maio 1991.
- 6 ARPINI, D.M. **Violência e exclusão**: adolescência em grupos populares. Bauru: EDUSC, 2003.
- 7 BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. Setenta, 1979.
- 8 BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- 9 BRAGA, P.D. et al. Imagem corporal e perspectivas de adolescentes de baixa renda em relação a mudanças do estado nutricional. In: ENCONTRO REGIONAL DE PSICOLOGIA SOCIAL, 4., 2005, Vitória. **Anais...**, [s.l]: Associação Brasileira de Psicologia social, 2005, p. 107.
- 10 BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de assistência a Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis-DST/AIDS. **Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos**. Brasília: Ministério da Saúde, 1997.
- 11 _____. Ministério Público do Estado do Espírito Santo. Centro de Apoio Operacional da infância e Juventude. Estatuto da criança e do adolescente – Lei Federal 8.069 de 1990. In: **ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE & Legislação Congênere**, Vitória, 4 ed., p.41, 2002.

12 CANO, M.A.T. et al. Auto-imagem na adolescência. **Revista Eletrônica de Enfermagem** (online), Goiânia, v.1, n.1, out-dez. 1999. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista>

13 CASTRO, A. L. de. Culto ao corpo, modernidade e mídia. Jan.2004. Disponível em:<http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/texto_link.asp?cod_link=1054&cod_chave=12428letra=c>. Acesso em: 22 março de 2006.

14 CONTI, M.A.; FRUTUOSO, M.F.P.; GAMBARDELLA, A.M.D. Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes. **Rev. Nutr.**, Campinas, v.18, n.4, p. 491-497, jul/ago., 2005.

15 DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. São Paulo: contexto, 2005.

16 ECO, H. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

17 FARR, R.M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: S. Jovchelovitch e P. Guareschi (orgs.) **Textos em Representações Sociais**. (p. 31). Petrópolis: Vozes, 1994.

18 FELIZ, C. Modismo influencia comportamento das meninas – moças precoces. **A Gazeta**, Vitória, p.6, 9 abr., 2006.

19 _____. “Garotas são fisgadas por apelos sexuais”. **A Gazeta**, Vitória, p.5, 9 abr., 2006.

22 _____. Longe das bonecas, meninas viram adolescentes cada vez mais cedo. **A Gazeta**, Vitória, p. 4, 9 abr., 2006.

23 FERREIRA, J. O corpo sógnico. In: ALVES, P.C; MINAYO, M.C. de S. (ORGS.). **SAÚDE E DOENÇA: Um olhar Antropológico**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.

24 FIGUEIREDO, T.A.M. de; MASSARONI, L. Representações sociais na enfermagem Capixaba. **Revista Hucam**, Vitória, n.13, p.3-7, 2004.

25 GARCIA, R.W.D. Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana. **Rev. Nutr.**, Campinas, v.16, n.4, p. 483-492, out/dez., 2003.

26 GARCIA, L. Mercado nacional da beleza cresce em ritmo chinês: 6% ao ano. **A Gazeta**, Vitória, p.23, 22 jan., 2006.

28 GISBERT, C.G. La Representacion social del cuerpo en estudiante de medicina. **Revista Interamericana de Psicología / Interamerican Journal of Psychology**, vol. 25, n. 2, pp. 209-218. Universidad Central de Venezuela.

29 GOLDENBERG, M.; RAMOS, M.S. **O corpo (des) coberto**. Jan.2004. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/texto_link.asp?cod_link=1054&cod_chave=12428letra=c>. Acesso em: 22 março de 2006.

30 _____. **A civilização das formas**: o corpo como valor. Jan. 2004, disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/texto_link.asp?cod_link=1054&cod_chave=12428letra=c>. Acesso em: 22 março de 2006.

31 HALL, S. O global, o local e o retorno da etnia. In: **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 7 ed., 2002.

32 INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO. **CESAM**: Apresentação. Disponível em: <<http://www.salesiano.com.br/cesam/cgi/cgilua.exe/start.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2005.

33 JODELET, D. **The representation of the body and its transformations**. In: FARR, R. M. Social representations. Maison des sciences de l'homme and Cambridge University press, 1984.

34 JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. **Textos em representações sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

35 MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 3.ed., 1996.

36 MARTINS, P. de O; TRINDADE, Z.A.; ALMEIDA, Â. M. de O. O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. **Psicol. Reflex. Crit.** [online]. 2003, v.16, no.3 [citado 20 Março 2006], p.555568. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722003000300014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 mar de 2006.

37 MENANDRO, M. C. S. **Gente Jovem Reunida**: um estudo de representações sociais da Adolescência / Juventude a partir de textos jornalísticos (1968/1974 e

1996/2002). Tese (doutorado em Psicologia) – Programa de pós-graduação em psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.

38 MINAYO, M.C. de S. A. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M.C. de S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 16. ed. Petrópolis : Vozes, 2000. p.21-25.

39 MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. CENTRO DE APOIO OPERACIONAL DA INFÂNCIA E JUVENTUDE-CAIJ. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei Federal n.º 8.069/ 90. 4.ª ed., Vitória, 2002 .

40 MENEGUETE, M. **Moda pra que te quero?** Disponível em: <http://www.guiadasemana.com.br/noticias.asp?ID=15&cd_news=12153&MSN=1>. Acesso em: 17 de abr de 2006.

41 MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978.

42 _____. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 2 ed. Petrópolis : Vozes, 2003.

43 _____. Prefácio. In: S. Jovchelovitch e P. Guareschi (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. (pp. 7-16). Petrópolis: Vozes, 1994.

44 NÓBREGA, S. M. da. O QUE É REPRESENTAÇÃO SOCIAL? IN:_____.

“ **La Maladie mentale au Brésil: étude sur les représentations sociales de la folie par les sujets internés à l’hôpital psychiatrique et leur familles**”. 1990. Doutorado em psicologia social – École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris (França), 1990.

45 OSÓRIO, L.C. **Adolescente hoje**. 2 ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

46 OTTA, E.; QUEIROZ, R. DA SILVA. A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal. In: QUEIROZ, R. DA SILVA.(org.). **O corpo do brasileiro**: estudos de estética e beleza. São Paulo: editora SENAC São Paulo, 2000.

47 OZELLA, S. Adolescência: Uma perspectiva crítica. In: KOLLER, S. H. (ORG.). **Adolescência e Psicologia**: concepções, práticas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de psicologia, 2002. p. 16-24.

48 PELEGRINI, T. **Imagens do corpo**: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais. Maringá: Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2004. Disponível em: http://www.urutagua.uem.br/008/08edu_pelegrini.htm. Acesso em: 30 jan. 2006.

49 PINHEIRO; A. R. de O.; FREITAS, S. F. T de.; CORSO, A. C. T. Uma abordagem epidemiológica da obesidade. **Rev. Nutr.**, Campinas, out/dez., 2004.

50 REIS, A.O.A.; ZIONI, F. O lugar do feminino na construção do conceito de adolescência. **Rev. Saúde Pública**, [on line]. Dez.1993, v.27, n.6, p. 472-477. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=50034-89101993000600010&ing=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 jan. 2006.

51 ROLNIK, S. Cidadania e alteridade: o psicólogo, o homem da ética e a reinvenção da democracia. In: SPINK, M.J.P. **A cidadania em construção**: uma reflexão interdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994.

52 SÁ, C.P. de. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

53 _____. Sobre a circunscrição do conceito de representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, 1993, v.6, n. 1/2, p. 107-113.

54 _____. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

55 SAIKALI, C.J. et al. Imagem corporal nos transtornos alimentares. **Revista psiquiatria clínica**, v.31, n.4, São Paulo, 2004.

56 SANTAELLA, L. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

57 SERRA, G.M.A.; DOS SANTOS, E. M. Saúde e mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.8, n.3, Rio de Janeiro, 2003.

58 SILVA, A. M. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. **Caderno Cedes**, ano XIX, n 48, agosto de 1999.

59 SPINK, M.J.P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. Rio de Janeiro: **Cadernos de Saúde Pública**, v.9,n.3, p.300-8, 1993.

60 **TEEN FASHION MOSTRA A MODA QUE O JOVEM QUER**. Redação. Disponível em: http://www2.uol.com.br/modabrasil/acontece3/teen_fashion/index2.htm. Acesso em: 17 abril, 2006.

61 TIBA, I. **Puberdade e adolescência: Desenvolvimento biopsicossocial**. São Paulo: Agora, 1986.

ANEXOS

ANEXO A

CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO E ROTEIRO DE ENTREVISTA

Caracterização do sujeito:

Idade

Sexo

Escolaridade

Prática Religiosa

Atividade ocupacional

Hobbie / lazer

Outras Atividades

Codinome /animal

Roteiro de entrevista:

- 1) Quando eu falo que alguém tem o corpo bonito/ legal, como você imagina esta pessoa? (masculino e feminino)
- 2) Na sua opinião, quem tem um corpo legal? (masculino e feminino)
- 3) E sobre seu corpo? Gostaria que você falasse sobre ele.
- 4) Por que seu corpo é como é?
- 5) Você gosta do seu corpo? O que você mais gosta no seu corpo, e o que você gostaria de mudar?
- 6) Na sua opinião, o sucesso de uma pessoa depende do seu corpo?
- 7) Quais são as conseqüências de não ter esse corpo ideal?

ANEXO B
APROVAÇÃO NO CONSELHO DE ÉTICA DO CCS/UFES

ANEXO C

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro participante,

Agradecemos sua participação na dissertação intitulada “**REPRESENTAÇÕES DO CORPO: com a palavra um grupo de adolescentes de classes populares**”. Este estudo está sendo realizado por Patrícia Déa Braga, psicóloga e estudante do curso de mestrado em Atenção à Saúde Coletiva do Programa de Pós-graduação do Centro de Ciências da saúde da UFES, como conclusão do referido curso.

O estudo tem por objetivo conhecer as representações de corpo de adolescentes de classes populares o qual poderá subsidiar novos estudos e trabalhos relacionados ao tema. Sua participação, portanto, é de fundamental importância.

O objetivo a ser alcançado no final da investigação é descrever as representações sociais de corpo dos adolescentes de classes populares e a proposta será entrevistar os adolescentes como forma de coletar os dados para o estudo.

É importante destacar que serão assegurados os seguintes aspectos ao aceitar a sua participação na pesquisa:

- a garantia de sigilo que assegura a privacidade dos participantes quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa;
- os responsáveis pela realização do estudo se comprometem a zelar pela integridade e bem-estar dos participantes da pesquisa;
- será assegurado aos participantes da pesquisa o benefício resultante do estudo, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, condições de acompanhamento e produção de dados, e
- Serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes dos participantes.

Lembramos que o sucesso da pesquisa depende de sua sinceridade e comprometimento.

Certos de contar com sua colaboração,

Atenciosamente,

Mestranda Patrícia Déa Braga: _____

Dr^a Maria del Carmen Bisi Molina (orientadora): _____

Concordo em participar da pesquisa referida neste documento, compreendendo que como participante dela posso me desligar, durante seu desenvolvimento de qualquer de suas etapas previstas.

Vitória, de 2005.

Assinatura do pai ou responsável

Nome do pai ou responsável por extenso

Assinatura do adolescente

Nome do adolescente por extenso